

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL — PUCRS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS — PPGL
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

RODRIGO CELENTE MACHADO

A VIDA EM TRÊS ESTADOS: SÓLIDO, LÍQUIDO E GASOSO

PORTO ALEGRE

2016

RODRIGO CELENTE MACHADO

A VIDA EM TRÊS ESTADOS: SÓLIDO, LÍQUIDO E GASOSO

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre pelo Programa
de Pós-Graduação em Letras, área de concentração
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Charles Kiefer

Porto Alegre
2016

*Para a vizinha do 305, que me
deu a eternidade; o João Pedro*

AGRADECIMENTOS

Meu muito, mas muito obrigado aos que sempre acreditaram em mim e àqueles com quem sempre pude contar.

Ao Preto e à Lila, pais de amor incondicional.

À Cristiane, irmã mais nova, mas que me chama de “maninho” até hoje.

À família, em especial aos tios Vilmar e Volnei (*in memoriam*). Suas histórias, contadas e vividas, jamais me deixarão.

À Andressa, pelo amor implicante eterno e pela família que construímos.

Ao João Pedro, que fez eu me apaixonar por um homem. Te amo, filho.

À Maria Sofia, leitora em 1ª mão e por me acalmar com seu ronronar.

Aos amigos de Porto Alegre e Florianópolis. Todos.

Ao Charles Kiefer, que não é um orientador. É um guru. Paciência oriental. Razão ocidental. Sempre com a palavra exata na hora certa. Quando “crescer”, quero ser como você.

À professora Maria Eunice Moreira, iluminada, por fazer, a cada aula, encontro ou conversa meus olhos brilharem.

À dupla Ricardo Barberena e Paulo Ricardo Kralik que promovem uma revolução no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS com a arma mais poderosa: a palavra.

Aos colegas do Mestrado, especialmente ao Trio Ternura: Arthur Telló, exemplo de caráter e erudição sem pedantismo; Tereza Azambuja, expert em Literatura Lusoafricana, conciliadora e de uma singeleza ímpar e por fim; a líder da quadrilha, Margarete Hülsendeger, pelos conselhos, risadas e puxões de orelha.

RESUMO

Esta dissertação, inserida no âmbito da Escrita Criativa, é composta por duas partes, como dois espelhos frente a frente. Iguais, mas diferentes. O conjunto de narrativas (contos) presentes em **A Vida em três estados: sólido, líquido e gasoso**, resulta na ficcionalização da teoria da modernidade líquida, termo cunhado pelo sociólogo polonês Zigmunt Bauman, e todas as suas variantes. São personagens desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos descartáveis, ansiando por segurança do convívio, desesperados por relacionar-se. O que os narradores revelam é tudo mentira, mas podia ser verdade. Ou seria o contrário? O leitor que decida. O antes, durante e o depois do esforço intelectual — criativo encontra-se no ensaio **Dando nó em pingo d' água**.

PALAVRAS CHAVE: Escrita Criativa, Modernidade Líquida, Zigmunt Bauman, Narrativa Ficcional, Contos

ABSTRACT

This paper, placed in the Creative Writing area, has two parts as two mirrors facing each other. They look like the same, but they are different. The collection of narratives (short stories) presents in Life in three states: solid, liquid and gaseous is the result of a process that fictionalized “liquid modernity”, the idea introduced by polish sociologist Zigmunt Bauman, with all its variants. The characters are shown desperate, abandoned to their own senses and disposable feelings, yearning for security and personal relations. Everything that is revealed is lie, but also could be true. Or would it be opposite? The reader is left to decide. All that involved before, during and after the intellectual-creative effort is in the essay Giving node in drop of water.

Keywords: Creative Writing, liquid modernity, Zigmunt Bauman, fiction, short stories

SUMÁRIO

Rastros e restos	8
Família feliz	12
Senha	14
Jesus na linha	16
Odisseia 2.0	19
Sheol	21
Casamento Líquido	22
Natal em família	24
Ressaca	27
Medo	28
Enviar e Receber	30
Caixa rápido	33
Sexo com borda	34
Sexo ao vivo	36
Amor inbox	37
Virgínia	38
Status: Atualizando	39
Eterno retorno	40
Brincando de boneca	41
Mensagem de amor	42
A Caixinha	43
No banco da praça	44
Dando nó em pingo d' água (Ensaio)	46
O processo de criação (Anexo)	63

RASTROS E RESTOS

Álvaro dos Santos, advogado e deputado federal no seu primeiro mandato, jamais comeu no ambiente de trabalho. Nunca deixou rastro ou restos de comida pelo carpete da sala, em cima da mesa de madeira nobre ou na cadeira estofada de couro. Quem confirma é Pâmela Moraes, 19 anos, assessora. Ali pelas 13h, afirmam seus colegas de bancada, fechava o gabinete, esgueirava-se até o edifício-garagem e saía com o carro. Preferia almoçar fora com a jovem assessora. Depois de eleito, só carne de primeira. Álvaro prometia uma carreira certa para a jovem, se as burocracias não atrapalhassem os seus planos. Ele experimentou os restaurantes do Congresso, mas desprezava o convívio ruidoso. O tempero das conversas o deixavam com azia e má digestão. Além disso, conforme o próprio declarou aos policiais, a sua rotina gastronômica em pedir um simples “prato feito” não seria bem compreendida pelos funcionários das cozinhas. Declarou, no entanto, por precaução jurídica desconhecer a chef Renata.

Renata era uma cozinheira notável. Dona do próprio nariz. E de um corpo esbelto. Pagava aluguel, uma quitinete em Ceilândia. Convivia com bandidos na vizinhança e no trabalho. Sem luxo, mas com TV, computador e celular. Todo o dinheiro que sobrava era para investir no seu futuro: uma casinha paga em 60 prestações com juros do programa do Governo. No serviço, algumas vezes exagerava na proporção de suas atitudes e de seus atos. Exibia as suas grandes unhas vermelhas, aproximava-se com rapidez dos pratos doces — seus preferidos — com os seus dedos salpicados de vermelho, num ritmo enervante e estrategicamente territorial para fiscalizar. Em função disto, deputados e senadores abstinham-se de pedir sobremesa e iam direto para o cafezinho. Mas Álvaro dos Santos não referiu estes detalhes de náusea, até porque não era um frequentador do refeitório.

Porém, eles haviam mantido um caso durante alguns anos. No apartamento do deputado, na Asa Norte, foi encontrado, no computador pessoal, fotos dos dois juntos, vídeos

íntimos e e-mails que atestavam um relacionamento real.

Álvaro é reservado. Veio de família pobre, a mãe era lavadeira, o pai soldador. Aprendeu a comer pouco e estudar muito. Do colégio à Universidade a fome só aumentou. Pelo saber. Alimentava-se com livros. A outra já estava domesticada. Pão e leite cedo, almoço no RU. Assim foi durante os cinco anos da faculdade de Direito. De cabeça baixa, devorava o prato. Queria repetir, mas se o fizesse não teria dinheiro para o dia seguinte. A grana era contada. O salário do estágio era para ajudar em casa, a mãe estava doente e a fábrica em que o pai trabalhava minguava, contou para a jovem Renata, que havia acabado de conhecer. Ela trabalhava no RU, recolhia as bandejas no balcão.

Achou ele simpático e a história bonita. Ele a achou bonita e o convite curioso. No outro dia, Álvaro estava lá. Foi aí que ele reparou. Corpo esguio, sorriso com ar de desdém, olhar de esfinge. Ela carregava um prato com as sobras. O que ele não comesse, enfiava na mochila e levava para casa. Era uma operação clandestina, longe dos olhares indiscretos e preconceituosos dos seus colegas de turma. Ele passou a retribuir a amabilidade com uma espécie de namoro.

Renata procurava compensar as desigualdades intelectuais em relação a Álvaro alimentando-se com chocolates. Ficava com culpa. E passava a engolir alimentos ricos em cereais e fibras para preservar o corpo delicado. Essa disparidade e inconstância passaram a incomodar o futuro advogado.

Álvaro queria mais. Saciar outros apetites. A solícita empregada do refeitório tornou-se um empecilho a aguardá-lo no final dos dias cada vez mais espaçados e com as faces cada vez mais vermelhas. Sob o apelo do futuro senhor doutor, Renata aceitou nunca falar com Álvaro nas dependências da Universidade. Pactuou fingir que não o conhecia.

A doença da mãe se agravou. Ficou numa cama de hospital até o fim. O pai, sem a esposa e o emprego, fora demitido, encontrou conforto nos caça-níqueis. Apostou tudo. Roupas, móveis e por fim o casebre onde viviam. Ficou sem nada. Tentou roubar o proprietário da casa de jogos clandestina. Apanhou. Dos capangas. Da polícia. Acabou na cadeia. Renata veio outra vez socorrer o recém-formado “doutor” Álvaro. Ela o convidou para irem morar juntos. No começo, trocaram, além de fluidos — cada vez mais espaçados, é

verdade — experiências. Ele aprendeu a manipular os alimentos; ela, as pessoas.

A vida em concubinato, termo que utilizaria mais tarde nas suas confissões, foi estoicamente suportada por Álvaro. Este recordou no julgamento os momentos em que Renata, por baixo dos lençóis, começava a aproximar-se dele. A simples presença dela provocava-lhe sensações de asco num simples roçar de joelhos. Os joelhos dela, acrescentou sem qualquer sinal de remorso, pareciam-lhe tão ásperos como lixa. Renata suspeitava de algo. Sentia Álvaro cada vez mais distante e calado. Os dois quase nem se falavam em casa. Fora dali, ele seguia de cama em cama, de escritório em escritório e de banco em banco. Aprendeu com os renomados homens do Direito a fazer “mágica”: triplicou o dinheiro. Entrou para a política e abandonou Renata, que irrompeu num choro lancinante. Foi assim por dias e noites. Os sons agudos conservavam, dentro de casa, uma estranha ressonância atmosférica que tirava o sono dos vizinhos. Ele, já instalado no apartamento de 130 m² na Asa Norte, dormia, sem remorso. Pelo contrário, aliviado por ter descartado a aprendiz de chef.

Só que ela aprendeu direitinho. Sabia como funcionava o sistema. Toma lá da cá, molhar a mão, reescrever contratos, barganhar nomes e valores. Tudo anotado no seu livro de receitas. Ele nunca desconfiou. Até o dia em que recebeu um e-mail com detalhes das operações políticas e financeiras. Sacou de cara: Renata. Mulher ressentida é pior que deputado querendo uma vaga numa comissão. Vale-tudo.

Álvaro fora advogado do partido, vereador, e agora alcançava uma vaga na Câmara. Foi eleito, embora tivesse concorrido sem grande convicção, por uma legenda que tem como bandeiras as surradas ética e combate à corrupção. Era o xodó da imprensa. De família simples, lutou para se tornar uma peça importante no tabuleiro social. “Ficha limpa”. No seu primeiro dia, deslumbrado com o Congresso, almoçou em um dos restaurantes da Casa. Escolheu o mais elegante e elogiado pelos parlamentares. A comida é boa e a chef uma delícia, brincavam. Resolveu conferir.

Renata também estreava. Havia concluído a faculdade, interrompeu em razão da descoberta de uma gravidez. Também interrompida. Teve hemorragia e escambau. Era um menino. Despejado no lixo como resto de comida estragada. Teve depressão. E a juventude que lhe emprestara algum brilho aos olhos começava a escassear. Despertou

junto das funcionárias de longa data certa inveja em relação a sua bela forma. Armou para demitir a chef antiga. Denúncias de que ganhava propina para escolher este ou aquele fornecedor chegaram até a direção da Casa. Escândalo até na cozinha, não. Foi pra rua. Renata assumiu com pratos variados e um tempero inconfundível: óleo de peroba.

Eles se viram, mas não se falaram. O acordo mudo da juventude foi retomado inconscientemente e ambos continuaram a fingir que não se conheciam. Evitando mesmo qualquer traição do olhar enigmático de Renata o “senhor doutor Álvaro”, como agora era designado, não frequentava com regularidade aquele restaurante. Porém, ele voltou no dia seguinte, no final do expediente, e foi ao encontro de Renata nos fundos do restaurante. A saída dava para uma pequena rua, sem movimento. Ele descobriu, veio para arrancar de mim o livro de receitas. Errado. Álvaro arrancou a cabeça. Foi um golpe seco. Pegou então o seu livro de receitas, cortou alguns legumes e colocou água na panela. Faria uma sopa. Misturou tudo. E quando ia experimentar, parou. Lembrou-se que detestava cabelo na comida.

FAMÍLIA FELIZ

A minha vizinha, uma ex-professora de escola pública, depois que foi aposentada de forma prematura pelo Estado — as razões, confesso, desconheço — só faz duas coisas: xingar e gritar com os filhos. O menino de 13 anos nunca dá bola. Passa grudado na frente da TV de plasma, 42 polegadas, home theater e acesso à internet. Nas mãos, o joystick e na cabeça o capacete de realidade virtual. Corre na sala de um lado para outro. Está tenso. Tem que fugir da horda de zumbis e possui apenas seis balas no revólver. Fim de jogo. Hora de se jogar no sofá, com o tablet e navegar na web. O aparelho vai junto, sempre. O dia em que D. Zuleika, cansada de não ser ouvida, escondeu o equipamento, tive medo. Faltou pouco para uma tragédia. Ele se esgoelava e vociferava palavrões contra a mãe, ameaçou se matar e escambau. Soluçava, tremia. D. Zuleika, temendo o pior, devolveu o aparelho. O garoto, babando e com os olhos rútilos de raiva, agarrou o *tablet* e passou a acariciá-lo, beijá-lo. Ficou catatônico. A menina, cinco anos, também ignora os berros. Quase nunca sai do quarto. Senta, deita, abre o roupeiro, troca de roupa, coloca maquiagem e taca-lhe selfies com o smartphone de última geração, pago em 36 suaves prestações de R\$ 39,90. A televisão e o videogame foram presentes da avó. A mãe, entre um grito e outro, suspira e chora baixinho. No banho, as lágrimas se escondem atrás da água do chuveiro. Está cansada de pedir para largarem os aparelhos. Cansada de implorar para que metam a cara nos livros. Cansada de varrer, passar pano e lustrar os móveis da casa.

No apartamento de três dormitórios, distribuídos em 67 m², moram apenas os três. O pai das crianças foi embora quando a guria nasceu. Saiu com uma mala, uma caixa de ferramentas e o violão. Era marceneiro, queria ser músico. Trabalhava numa fábrica de móveis que fechou. Vieram as máquinas e substituíram o trabalho manual. Ele nem se abalou. Ela teve uma crise nervosa. Ele pediu calma. Disse que daria um jeito tocando nos bares da cidade aos finais de semana. Ela riu. De forma grosseira. No começo foi difícil. O tempo para praticar era escasso. Exercitava quando a mulher ia ao súper ou visitar a mãe. Aos poucos foi pegando jeito. Ganhava, nos finais de semana, um bom dinheiro. Gente boa o Ademir, humilde, educado. Falava com ele mais do que bom-dia, boa-tarde, boa-noite, vai chover, esfriou e tá quente, o padrão estabelecido para a convivência em condomínios. Lembro bem do dia em que ele bateu a porta. Não disse uma palavra. Da janela, a mulher execrou as próximas cinco gerações do pobre coitado. Ele nem olhou para trás. Desde então, a sinfonia naquela casa virou de uma nota só: berros. Ninguém conversa.

Se as crianças não sofrem, eu padeço. Preciso de silêncio. Uma tremida em razão de um barulho e lá se foi o trabalho. Nos últimos meses, o acúmulo de telas inacabadas encheu um dos quartos e boa parte da sala. Nesse ritmo, serei expulso de casa pela vizinha. Ou melhor, pelos seus gritos. No último domingo, a avó das crianças, apareceu para uma visita. Fazia anos não aparecia. Estava com saudade. De gritar. Apesar de ter superado os 80 anos, ficar em pé graças a uma bengala, a voz causa inveja a muito tenor. Confesso que às vezes sinto pena. Do beagle que ela sempre traz junto. Os netos e a filha, incomodados com os latidos do cachorro passam a gritar com ele. Ele responde com mais latidos. A velha berra para não xingarem o cão. A filha xinga a mãe. É uma linhagem de gritos. Uma herança — a avó grita com os netos e certamente gritava com a filha, que grita com os filhos, a quem resta o cachorro para gritar.

Na porta do apartamento, um enfeite diz: “Família feliz”.

É triste pra cacete.

SENHA

Vou morrer em minutos. Sentado em um vaso. O painel indica que só tenho mais uma tentativa para deixar a casinha. Caso contrário, um sistema de sucção a vácuo será acionado e entrarei pelo cano. E tudo porque não lembro a senha. O mundo virou mesmo uma bosta. Biometria, íris, códigos alfanuméricos e voz. Cartões de banco, celular, tablet, computador, e-mail, redes sociais, portão de casa, wi-fi. Tudo gira ao redor de senhas. Daqui a pouco, nas maternidades, as mães só receberão os filhos nos braços mediante um código. Agora mais essa: para cagar. É o banheiro 2.0: cabine de 12 m², pia com água quente, ducha com sensor termodinâmico, assento aquecido que se adapta ao tamanho e formato da bunda, encosto do vaso reclinável, braço retrátil para apoiar o tablet ou o smartphone e wi-fi individual. Acabou a privacidade. Entrei, cadastrei a senha, paguei com o cartão e me sentei. Acessei o Facebook. Perda de tempo. Raiva, frustrações e egocentrismo. Postei umas selfies no Instagram. Comeu 98% da bateria do celular. Em compensação, o número de amigos e seguidores cresceu 100%. Inveja é mesmo uma merda. Enfiei os fones de ouvido e rodei o playlist. Precisava me concentrar. Terminado o serviço, cheguei até a cochilar, digitei o código para poder me levantar e sair. Erro. A senha digitada não é válida. Ela deve respeitar (apenas) as seguintes regras:

- Deve conter entre 5 e 10 caracteres.
- Deve conter no mínimo 3 letra (s) minúscula(s)
- Deve conter no mínimo 3 letra (s) maiúscula(s)
- Deve conter no mínimo 1 caractere (s) numérico(s)
- Deve conter no mínimo 2 caractere (s) do seguinte conjunto: ! # \$ % & () * + , - . / : ; < = > ? @ [\] _ ` { | } ~
- Não deve conter mais de 2 caracteres idênticos consecutivos
- Não deve conter o seu endereço de e-mail.
- Não deve conter o seu nome.
- Não deve conter o seu sobrenome.

Putaquepariu. É só uma senha ou o significado da vida que tem que digitar? Lá fui eu de novo. Digita aqui, aperta ali. Não adiantou. A senha digitada não é válida. Ela deve respeitar (apenas) as seguintes regras:

- Deve conter entre 5 e 10 caracteres.
- Deve conter no mínimo 3 letra (s) minúscula(s)
- Deve conter no mínimo 3 letra (s) maiúscula(s)

- Deve conter no mínimo 1 caractere (s) numérico(s)
- Deve conter no mínimo 2 caractere (s) do seguinte conjunto: ! # \$ % & () * + , - . / : ; < = > ? @ [\] _ ` { | } ~
- Não deve conter mais de 2 caracteres idênticos consecutivos
- Não deve conter o seu endereço de e-mail.
- Não deve conter o seu nome.
- Não deve conter o seu sobrenome.

Eu poderia gritar, mas de nada adiantaria. As paredes são isoladas acusticamente. Tudo para o conforto e segurança do usuário. Além disso, mesmo que alguém me escutasse não acreditaria no meu desespero. O grito verdadeiro sempre parece falso. A verdade é que não faço ideia da senha. É injusto acabar assim. Tudo culpa do Ademar. Quando falei da ideia que tive, um jogo estilo quebra-cabeça onde, em vez de peças, o sujeito combinaria balas, chocolates e outras guloseimas; ele riu. Pra valer. Por dias. Amassei meu sonho e puxei descarga. Virei advogado. De bandido. Saí da reunião com meu cliente do presídio me cagando. Não de medo, pois estou acostumado. Da barriga mesmo. Onde é que eu tava com a cabeça de aceitar coxinhas fritas no óleo de anteontem. Tudo para ser parceiro dos *manos*. Rodei até o shopping mais luxuoso da cidade, recém-inaugurado. Todo tecnológico. Cheguei ao banheiro, graças a deus. O Alien que havia na minha barriga dava sinais de que estava prestes a sair. Grunhidos, câimbras e suor gelado. Alívio. Temporário. Ao final da operação, acabei preso. Tudo gira. A prestação do carro está paga, a do apartamento vai atrasar. Vou perder o sorteio de novas vagas de garagem no condomínio. Chegaram ontem os livros que comprei. Nem abri o pacote. E não terei tempo para ler. Não vou conseguir devolver, de novo, os DVDs alugados. Faz 1 ano que estão em casa. Mensagem da Judite: *Terminei a faxina. A cópia da chave está na portaria. Acabou o papel higiênico.*

JESUS NA LINHA

“Oi, mãe. Como vocês estão?”

“Jesus, é você?”

“Claro que sou eu. Que pergunta besta”

“Mas, mas você morreu. Está morto. Eu vi.”

“Morto? Que brincadeira é essa? Viu como? A senhora está bem, D. Maria? Faz um favor, chama o José, deixa conversar com ele”.

“José vem aqui. Nosso filho Jesus ressuscitou. Fala com ele.”

José e Maria conversam antes de pegar o celular para falar com Jesus.

“Esse menino não é meu filho, já te falei.”

“Não diz isso, ele te ama. O pai quase nunca dá às caras”.

“Fala. O que você quer? Não basta o susto que você causou? A tua mãe está aqui de joelhos aos prantos. Isso é coisa que se faça? Desaparece, aí aparece morto. Volta a sumir e reaparece vivo.”

“É isso que eu quero entender. Eu deixei Belém na sexta-feira. Saí mais cedo da faculdade, não teve aula à tarde. Estava num templo budista com um amigo, Judas, me purificando. Sem TV. Sem celular. Sem computador. Sem internet. Quase sem vida, mas não estava morto. Passei dos limites durante a semana; sexo e drogas. Estamos voltando hoje, domingo”.

“Teve um acidente violento, sábado, no centro. Um ônibus atropelou um burro, uma vaca, uma ovelha e três homens que estavam na parada. Só o burro sobreviveu. O Pedro, Lucas e o Mateus viram o teu nome e o corpo. Por isso, sabichão, desembucha. Conta direito essa história. Isso é coisa do teu pai, confessa. Ele sempre livra a tua cara.”

Nossa, quanto rancor e ódio. O José deve ter uma úlcera que come as entranhas dele e solta labaredas. Eu sempre o admirei, mas ele não perde a chance de atacar o meu pai, que vejo uma vez que outra. É um cara ocupado. Empresário, dono de boa parte da região. Está rico. Ele conhece todo mundo, sabe da vida de todo mundo, mas nunca se intromete. O povo pensa o contrário.

“Olha, o Pedro, Lucas e o Mateus são uns tremendos 171. Inventam histórias. Jornalistas que não levantam a bunda da cadeira. Passam o dia na internet “confirmando” informações. Duvido que algum deles tenha ido até o local, investigado. Tá na cara que receberam um vídeo no grupo de whatsapp — os apóstolos — onde aparecem os corpos. Os nomes devem ter chupado de outro site ou pego no Twitter da Polícia. É parecido e tem o mesmo nome, ah, é o Jesus. Posso até ver o resto. Publicaram nas suas páginas do Facebook a notícia, compartilharam o vídeo e correram para avisar vocês”.

“Sempre nos lembraremos de você, Jesus. Você estará sempre nos nossos corações”.
Milhares.

“Chega, Jesus. Eu entendi. Cagada fenomenal. Porém, tua mãe e eu já havíamos acertado a expatriação do corpo, anúncio fúnebre, caixão e funeral. Tudo pago em 10x com cartão de crédito pela internet. Não te preocupa é tudo padrão internacional. Suntuoso, com ornamentos folhados a ouro. Bem o teu estilo. Escolhemos a funerária La Fé, então...

“Putá merda. Ela não devolve o dinheiro. Fica para instituições carentes, eles dizem”.

“Isso a gente sabia. Só não sabia que você ia ressuscitar.”

“Eu não morri. É diferente. Ressuscitar é voltar à vida após a morte.”

“Tá, não quero saber de Teologia e Metafísica.”

“Desculpa”.

“Precisamos resolver o problema do teu funeral.”

“É, eu sei. Haja serviço na marcenaria e cartas para a mãe jogar para clientes para vocês pagarem isso tudo. Deixa comigo. Ligo em seguida.”

“Alô? Quem é?”

“Paí, sou eu. Jesus”

“Ah, o filho da Maria. Oi, não reconheci a voz.”

“Quer pedir o teu presente de aniversário? É por agora, não? Uma fita nova do Atari?”

“Paí, Atari é do século passado. Nunca joguei. E isso é coisa de adolescente.”

“Ué, mas você não vai fazer 13 anos?”

“Já fiz 33. E não te procurei para pedir presente e sim ajuda. Preciso de dinheiro”.

“Quanto?”

“Dez mil”

“Claro. Depósito amanhã mesmo. Passa o número da conta.”

“É que eu...”

“Não me interessa o motivo.”

“Obrigado.”

“Tchau, Joshua, estou ocupado. Já falamos bastante. Um dia a gente se vê”

“Tchau. E meu nome é Jesus.”

O carro onde viajavam Jesus e Judas foi encontrado aos pedaços à margem da estrada que liga o templo budista ao centro de Belém. Virou sucata. O corpo de Jesus, preso às ferragens, no banco do motorista, desfigurado. Seria difícil reconhecer.

Judas, escondido, no mato, abriu o notebook, e com a senha do amigo, escreveu na página de Jesus: “Eu vejo a mim mesmo nestes momentos e diria que estou vivo... Mas se vocês continuarem escrevendo coisas tão bonitas talvez eu tenha de morrer para não deixá-los mal.”

Cansado de esperar por resposta, José liga.

“E aí tudo certo?”

“Resolvido”

ODISSEIA 2.0

Faz praticamente 10 anos que Ulisses não sai de casa. Diagnosticado com síndrome do pânico, o roteirista frustrado — escreveu mais de 30 histórias para o cinema e teve apenas cinco filmadas, sendo que três delas viraram comerciais para a TV — passa a maior parte do tempo sentado em frente ao computador, navegando na internet e conversando com anônimos nas salas de bate-papo. Ele trabalha de freelancer. Faz sites. Seu apartamento, um cubículo no 13º andar de um prédio do Centro é tomado por livros, revistas, CDs e DVDs. O lugar é escuro, luz do sol, raramente. Ele nem se lembra quando viu o apartamento iluminado. Ele faz tudo pela internet.

Depois de relutar muito, decidiu que era hora de retomar a terapia. Isolamento geral, depressão, depressão gera síndrome do pânico e daí para cemitério é vapt-vupt. O psiquiatra enlouqueceu. Nada de remédio. Mandou Ulisses cair na água. Mais precisamente na piscina. Natação. Fazer natação, ele pensou. Ulisses detestava a ideia de levar a roupa na mochila, trocar de roupa, tomar banho, carregar a roupa molhada e, por fim, seguir à risca o treinamento. Mas desta vez Ulisses estava disposto a tentar. Três vezes por semana, ele sai de casa 7h, chega à parada 7h10min e entra no ônibus da linha 472, às 7h15min. Quanto mais cedo voltar para casa melhor, conclui.

Penélope, designer de moda, trabalha à noite como projetista de uma marca de roupas importadas. Penélope tem uma beleza exótica, impossível não prestar atenção. Casou jovem. O amor, que no começo era um conto de fadas, terminou depois de sete anos numa história de terror. Foi num domingo, logo após o almoço. Ela fitou o homem que sentava ao sofá e pensou: que horror, ele, agora, é um desconhecido. Pediu o divórcio. Abandonou a construção de qualquer outro relacionamento.

Logo ao chegar em casa — Penélope desce do ônibus 472 pontualmente às 7h15min —, resolveu dar um fim a memória, digital, de todos os seus relacionamentos. Levou 10 segundos. Primeiro namorado: 700 fotos. Segundo: 400; terceiro 100 e por último, o seu ex-marido: apenas cinco fotos. Ficou triste. Como pode, num simples clique, apagar-se toda uma parte da vida. Era como se tivesse morrido um pouco naquele instante.

Depois de dormir toda a manhã, Penélope vai para a rua. Senta-se nos bancos das praças da cidade e, entre uma tragada e outra, ri e chora com a vida que passa pelos seus olhos. Tenta capturar um pouco delas através da fotografia. Mais de cem por dia. Ela odeia ficar sozinha dentro de casa, presa. No meio da tarde, volta para casa, prepara alguma coisa para jantar, geralmente uma salada, pão integral e um pedaço de frango. A alimentação saudável é para compensar os dois maços de cigarro que Penélope “come” todos os dias durante a jornada de trabalho.

Numa noite quente de verão, um temporal de madrugada, típico da estação, acabou com a luz no Centro da cidade. Ulisses acordou atrasado. Quando saía do portão do prédio, distraído, cabisbaixo, esbarrou em Penélope, que entrava. Trocaram rápidos olhares. Ele pensou: como é que nunca vi essa mulher aqui?! Ela pensou: que cara mal-educado e cheiroso.

Penélope morava no 14º do bloco em frente ao de Ulisses, mas jamais haviam se visto. Naquele dia, ela demorou a dormir, ele não conseguiu se concentrar na natação. No dia seguinte, outro esbarrão. Agora, com alguma troca de palavras. No dia seguinte, palavras e sorrisos, cabelo sendo ajeitado, olhar fixo. No dia seguinte, ele perdeu a natação, ela o sono. Ficaram conversando. No dia seguinte, pediram pizza pela internet. No dia seguinte, saíram às compras no super. No dia seguinte, foram viajar pelo mundo. No dia seguinte, chegavam juntos, de volta. No colo de Penélope, o filho, Telêmaco.

SHEOL

Seu apartamento parecia um antiquário. Tudo fora de moda. Impulsionado por fazer parte de um todo maior e individualizar-se; um sonho de pertencimento e de autoafirmação; um desejo de apoio social e a obsessão de autonomia, o proprietário do 1301 do condomínio Leônia foi radical. Televisão, três. Todas com tecnologia 4K. Sala, quarto e banheiro. Notebook, desktop e tablet. Smartphones, relógio e óculos de realidade virtual. Livros, CDs e DVDs. Cervejas e vinhos importados. Roupeiro sob medida. Closet. Gravatas, ternos, casacos, camisas, camisetas, calças, bermudas, sapatos, tênis, meias e cuecas. Cama king-size, colchão com controle remoto. Lençóis de seda, travesseiros com pena de ganso. Banheira com hidromassagem e ofurô. Micro-ondas digital, geladeira automática, máquina de lavar de 10 quilos, ferro eletrônico, liquidificador com sensor e fogão inteligente. Sofá retrátil, poltrona massageadora, mesa, cadeira para seis pessoas com detalhes em mármore carrara, lustres e abajur. Tapetes persas. Quadros de arte. Faqueiro de prata, cristais e porcelanas. Pronto, tudo novo. E com apenas um clique. Limpou a memória mofada presente nos objetos antigos. Cansaço. Apagou. Acordou e o que viu ao seu redor eram quinquilharias. Revoltado, se desfez de tudo. E com apenas um clique. Com a casa vazia, foi às compras. Outra vez com apenas um clique. Televisão, quatro. Todas com tecnologia 4K e realidade virtual. Sala, quarto e banheiro. Netbook, tablet e desktop. Smartphones, Applewatch e Google Glass. Livros, CDs e DVDs. Cervejas e vinhos importados. Roupeiro sob medida. Closet. Gravatas, ternos, casacos, camisas, camisetas, calças, bermudas, sapatos, tênis, meias e cuecas. Cama king-size, colchão com controle remoto. Lençóis de seda, travesseiros com pena de ganso. Banheira com hidromassagem e ofurô. Micro-ondas digital, geladeira automática, máquina de lavar de 10 quilos, ferro eletrônico, liquidificador com sensor e fogão inteligente. Porcelanato. Sofá retrátil, poltrona massageadora, mesa, cadeira para seis pessoas com detalhes em mármore carrara, lustres e abajur. Tapetes persas. Quadros de arte. Faqueiro de prata, cristais, porcelanas e uma parede de espelho. Depois de tudo no lugar, exausto, descansou na poltrona. Jogaria as caixas fora mais tarde. Despertou, olhou ao redor e se deu conta de que ainda havia algo obsoleto ocupando espaço. Desceu para levar o lixo e nunca mais voltou.

CASAMENTO LÍQUIDO

Artur e Luísa estão deitados na cama. Ele de cueca e sem camisa. Ela veste uma camisola. Ele suspira. Cansaço e tédio. Agarra o controle remoto da TV. Troca de canal compulsivamente. Novela, filme, futebol, seriado e notícias. Novela, filme, futebol, seriado e notícias de novo. Ela nem reclama. Está absorta, entretida no celular. Faltam apenas 37 fases para ser uma jogadora Máster no Paciência.

— Os mesmos atores fazendo os mesmos personagens. Quem aguenta? Até quando as emissoras vão seguir com os dramalhões familiares. Encheu. Deu. Não acha?

Luísa vira de leve a cabeça, e quando esboçava um comentário....

— Humm, o Anjo Exterminador, do Buñuel.

Ela só tem tempo de dizer, agora nem olha para o lado.

— Filme em preto e branco, coisa de velho. É bem o teu tipo.

— Como é que alguém consegue assistir ao campeonato romeno. Dá saudade do Gauchão vendo isso.

— Perdi o capítulo da semana passada. Agora não sei quem virou zumbi.

— Você nunca olha nada inteiro.

Artur nem presta atenção no que ela fala, está mais preocupado em preencher, com as imagens da tela, a solidão que se instalou nele, naquela casa. Luísa boceja ao seu lado, olhos pesados. Começa a errar movimentos fáceis no jogo.

— Isso é absurdo. Condenaram à morte uma mulher porque ela largou o Islã para se casar com um cristão. Clifford Geertz tem razão. A cultura é um conjunto de mecanismos de controle para governar o comportamento humano. Você não concorda?

— Hã? O quê? É, também acho....

— Imagina uma coisa dessas. Livros indo parar num lixão. Palhaçada. O dinheiro destinado para a compra e para criação de bibliotecas, tudo vai direto às mãos desses ladrões corruptos.

— Desculpa, amor. Passei na Feira e esqueci de ver o livro que você tinha me pedido

— Olha, vamos realmente deixar de sair de carro, à noite. Pensando bem, melhor não sair mais de noite. O índice de assaltos aumentou 47% nos últimos três meses em comparação com o ano passado.

— A Gorete me ligou. Arrombaram a casa dela e por isso ela não conseguiu vir para fazer a faxina.

— Amanhã vai ser mais um dia quente, estão dizendo que pode chegar a 39°. E falta mais de um mês para o verão.

Ela larga o celular e liga o ar-condicionado.

— Pronto, podemos dormir.

Viram-se de costas um para o outro. Ficam assim até o dia seguinte.

Luísa acorda e levanta antes. O banho é demorado. Troca de roupa mais de três vezes.

Prepara a mesa do café. Suco de laranja, mamão, pão integral, queijo minas e café passado na hora. Ele pega uma fatia de pão e sai.

— Tchau, tenho uma audiência agora cedo.

— Tá bem. Até mais tarde.

NATAL EM FAMÍLIA

Jesus acordou com uma azia filha da puta. Dor de cabeça. Tontura. Náuseas. Ele e mais três amigos saíram para beber na sexta-feira. Fizeram uma peregrinação pelos bares da capital italiana. Tremenda farra. Um banquete. Moram todos juntos. O apartamento é uma verdadeira Torre de Babel. Já passava do meio-dia. Jesus tomou banho, fez a barba, que já o incomodava e foi conferir as mensagens no celular. Descarregado. Putaquepariu. Ligou o notebook, acessou a internet, entrou na sua página no Facebook e tomou um cagaço. Milhares de mensagens no seu mural. *Sempre nos lembraremos de você, Jesus. Você estará sempre nos nossos corações. Reçaremos muito por você.* Que porra é essa? Que brincadeira cretina!

Jesus havia deixado a casa dos pais há três anos. Tinha se envolvido com a mulher do prefeito da cidade, Madalena. Morena foga. No vilarejo de Nazaré todo mundo sabia que ela não era santa. Jesus não tinha sido o único. Mesmo assim, o marido, Pilatos, mandou prender e esfolar Jesus vivo. O jovem saiu só com a roupa do corpo. Andou de cidade em cidade até parar em Roma. Fez de tudo. Ambulante, consertava celulares, TVs, videogames de forma milagrosa. O pessoal ficava espantado com a inteligência do rapaz. Trabalhou como guia turístico para estrangeiros. Conheceu os Três Mosqueteiros, como Jesus chama Pedro, Lucas e Mateus. O quarteto colocou fogo na cidade. Atraíam multidões com seus discursos inflamados e apresentações mágicas. Viraram celebridades. Finais de semana aproveitavam para conhecer outros lugares e fazer shows. Menos na Alemanha. A onda neonazista avançava e eles, judeus famosos, tinham medo.

Jesus, 33 anos, estava na lista de mortos do governo alemão. Na noite anterior, um grupo radical invadiu um bar em Berlim à procura de novos judeus. Foram todos fuzilados. Um massacre. O governo prometeu punir os responsáveis e prestou condolências aos familiares dos mortos, em especial a José e Maria, pais do judeu ilustre. Só que Jesus não saiu de Roma no fim de semana do ataque. Porém, seu nome, seus dois sobrenomes e sua cidade de origem, não deixavam dúvida: ele estava sendo enterrado.

José e Maria tomavam café quando receberam o telefonema de um amigo de Jesus, Judas. Ele havia escutado no rádio sobre o ataque e visto na internet que entre os mortos estava

Jesus de Nazaré. Foi Maria quem atendeu, como pressentindo. Dissimulado, perguntou:

“Você sabe alguma coisa do Jesus?”

“Faz tempo que não falo com ele. Ele não é de ligar, mas deve estar bem”.

Judas respondeu com um, então está certo. Minutos depois as autoridades de Nazaré se apresentaram na porta do apartamento do casal. Pediram para que ele e Maria sentassem, e então comunicaram que seu filho Jesus havia morrido em Berlim. Deram-lhe os pêsames e se colocaram à disposição. Desespero. Maria aos prantos, José quebrando os móveis. O telefone. Tentam contato com o filho. Nada. Desligado. Logo parentes e amigos começaram a chegar à casa dos pais de Jesus. Até Madalena apareceu. De preto. Saia e minibus. Velas, imagens tomaram conta dos cômodos.

Jesus não atualizava com frequência a sua página no Facebook. Antes de “morrer”, tinha escrito há três meses: *“Não dou muitos sinais de vida, é verdade. Acho chato me conectar no Facebook, porque começo a ver fotos e tal, e saudade desperta (...). Além do mais, não gosto do Facebook em geral. Mas faz falta”.*

Mal sabia que o Face serviria para ele avisar ao mundo de que não estava morto.

A primeira comunicação de Jesus após a notícia da sua morte foi *“Sei lá... Eu vejo a mim mesmo nestes momentos e diria que estou vivo... Mas se vocês continuarem escrevendo coisas tão bonitas sobre mim talvez eu tenha de morrer para não deixá-los mal...”*.

Tomé, primo de Jesus, comentou na página:

“Ligue imediatamente para a tia Maria”.

“Vocês acreditaram?”

“Você nem sabe o que pensar. Todo mundo falou: a polícia, o Governo”.

Tomé estava na casa dos tios guardando luto junto com dezenas de amigos dentro do apartamento. Entrou no Facebook para publicar uma mensagem de despedida para o primo quando viu a postagem de Jesus.

“Tenho algo a lhes dizer. Jesus está vivo, ele publicou que está vivo”. O que seguiu a essa última frase foram momentos de incredulidade e emoção. Maria quis escutar o filho para

acreditar. Em quatro minutos seu telefone começou a tocar.

Era Jesus. Estava bem. Não havia deixado Roma no final de semana, muito menos ido a Berlim. Pediu desculpas porque seu telefone estava desligado e fora da área de cobertura. Pediu que sua família ficasse tranquila. Ele estava pretendendo voltar no Natal, mas anteciparia a viagem para se encontrar com eles.

RESSACA

Hoje eu acordei cagando regras e vomitando teses. Internet direto na veia. 24h conectado. Baba ressequida em cima do notebook, álcool evaporando dos poros. Tomei um pontapé na bunda: Júlia. Descobri, vasculhando o celular dela que me trocou pelo André, um nerd recém-saído da puberdade. Humpf, ela deve ter tirado o cabaço do guri, tá na cara. Aquele li não tinha, até então, colocado mulher no corpo. Cretina. Viajou para a Europa às minhas custas. Investi nela. Retorno menor que a poupança. Era, quando a conheci, uma pseudorrevolucionária. Estudava Sociologia, pesava 110 kg. Um troço. Dei um trato. Fez lipo. Colocou silicone. Trocou a cerveja do boteco pelo vinho do restaurante. Karl Marx por Max Weber. Evoluía. Mas preferiu refrigerante e passeio no shopping. Então que se foda. Por isso não tive saída. Excluí da minha vida. Joguei na web nossos vídeos fazendo sexo. Claro, eu não apareço nas imagens. Sou louco, não imbecil. Publiquei as fotos dela antes de virar gente. Comentários em cima de comentários. Trolagem. Vingança. É crime matar, mas não é crime matar quem matou. Se for um grupo matando um, menos necessário é achar a culpa. A culpa já morreu, enquanto consciência coletiva de quem vibrou com a morte do matador. Até porque, se a culpa importasse mesmo, a sequência desta celebração seria morte sobre morte ad infinitum. Eternos debates de dois lados, fakes partidários a construir o nada. Quantos comentários de internet você leu hoje? Links de droga pura, distribuídos sem escalas. Pílulas disponíveis a olhos vistos. O barato da vez é comentar. Acho, penso, tenho algo a escrever. Vai, publica e acompanhe para ver quem curte e compartilha isso aí. O vídeo do cachorro mijando em cima de um cachorro que estava cagando na frente de uma loja viralizou. Era montagem. Esse idiota? Ele não é aquele que defende o aborto, mas vai à missa aos domingos? Igreja Apostólica Hipócrita Mundana. Quem é você pra dizer? Quem sou eu pra julgar? O Facebook até me lembrou que a opinião que eu tinha mudou. Não tinha intenção de ofender. Zoeira, tenta esquecer. Amanhã tem outra polêmica pra gente trolar.

MEDO

Faz cinco dias que não levanto da cama. Tenho medo de sair de casa. Faz cinco dias que nenhum parente, colega de trabalho ou amigo me manda uma mensagem. Tenho medo que tenham me esquecido. Semana passada, meus contatos lembravam o das antigas listas telefônicas: milhares de nomes e números. Hoje está vazio. Medo. O celular toca. Uma mensagem. Alguém querendo saber onde estou, como estou. Estico o braço e visualizo o recado: bateria fraca. Não me resta muito tempo. Jurava que o toque era o mesmo. Não era. Poderia ligar, mas sempre confiei na memória do celular. Estou sozinho. Volta o medo de estar com medo. Aterrorizado por uma ameaça ainda obscura, imprecisa mas que certamente revelará toda sua face de Górgona, seu semblante horrendo, quando sair das sombras em que agora se esconde.

A perspectiva de estar abandonado no momento da desgraça, seja ela qual for sempre me fez buscar refúgio na “companhia” de outros potenciais sofredores da mesma fobia: dar as mãos e não soltá-las, ficar em contato, manter contato e jamais deixar de entrar em contato. O importante não é tanto *estar em contato*, mas ter a certeza permanente de que podemos *entrar em contato* depressa sempre que necessário ou sempre que se deseje. Confesso: sempre achei melhor encontrar e conversar com os amigos no Facebook do que falar e ouvi-los ao vivo. Sempre admirei a oportunidade de ser notado por uma quantidade imensa de pessoas (seguidores) num número que ultrapasse qualquer capacidade ou vontade de conversar cara a cara. A sensação de exclusão, expulsão, ser deixado sozinho, ignorado, jogado fora ou ser de alguma forma banido, ficado para trás, ficar esperando horas sem ser recebido – são estes os pesadelos mais comuns neste nosso mundo, bem conhecidos por sua produção em massa de excedentes e redundâncias.

Tudo ia muito bem. Apartamento alto padrão, bairro nobre. Carro importado na garagem. Emprego de gerente de marketing numa multinacional. O chefe adorava minhas invenções. O dinheiro no banco sobrava. Tinha as mulheres que queria. Não havia motivo para me preocupar. Mas a verdade é que um desconforto se instalou de forma gradativa. Esse mundo sempre em mudança, confuso, desordenado e cheio de brumas em que abundam armadilhas e ciladas começou a me perseguir. Passei a não dormir direito. Acordava em razão de pesadelos de sinistras premonições. Leio na internet sobre novos cortes de pessoal e aumento de desemprego. Não me sinto seguro, mesmo com meu chefe

derramando-se em elogios ao meu último projeto.

Será que ainda irão se lembrar do meu projeto quando chegar a próxima rodada de fusões, reengenharias, terceirizações e contratações externas, como decerto acontecerá? E se eu perder o emprego? O saldo continuará positivo? E se o apartamento pegar fogo? Como serei salvo? Sem celular, a bateria está no fim. E se eu bater o carro, quanto tempo levarei para ser atendido? Vou morrer a caminho? Na hora? Mas quanto dura a recordação de um sucesso, quanto posso usufruir essa glória? Tudo isso já seria bem tenebroso se estivesse no fim da lista de preocupações. Mas o rol está longe de chegar ao fim. Aliás, haverá um fim para essa lista?

ENVIAR E RECEBER

Não lembro a última vez que fiquei sozinho. Isso é, só eu e meus pensamentos, sonhos, medos e esperanças para refletir ou simplesmente me desconectar do mundo. O número de mensagens enviadas por SMS, whatsapp, Facebook, Twitter, Instagram e o obsoleto, acreditem, e-mail, chegou a três mil no mês passado. Dá para dizer que mandava um recado a cada 10 minutos do tempo em que permaneci acordado – manhã, tarde e noite, considerando dias úteis e finais de semana, o tempo no trabalho e na faculdade. Estou viciado em produzir, enviar e receber mensagens. Serve como defesa. A imprevisibilidade do mundo, que a todo instante me surpreende, me causa medo. A perspectiva de ficar sozinho pode ser tenebrosa; posso elencar várias razões para conceber a solidão como uma situação extremamente incômoda, ameaçadora e aterrorizante.

Não concordo, acho idiota, culpar a internet pelo que está acontecendo com as pessoas que nascem num mundo interligado por conexões a cabo, com fio ou sem fio. Sejamos francos. Os aparelhos eletrônicos respondem a uma necessidade que não criaram; o máximo que fizeram foi torná-la mais aguda e evidente, por colocarem ao alcance de todos, e de modo sedutor, os meios de satisfazê-la sem exigir qualquer esforço maior que apertar algumas teclas.

Quando eu comprei, lá nos anos 90, um walkman, aparelho que me permitia “ouvir o mundo” onde quer que estivesse e sempre que desejasse, a propaganda prometia aos clientes: “Você nunca mais estará só!” É óbvio que eles sabiam do que estavam falando e por que essa mensagem publicitária incentivaria a venda de aparelhos – o que de fato aconteceu, aos milhões. Sabiam que havia milhares de pessoas nas ruas que se sentiam, assim como eu, solitárias e odiavam essa solidão dolorosa e abominável; pessoas que não só estavam privadas de companhia, mas que sofriam com essa privação. Em lares cada vez mais vazios durante o dia, onde o coração e a mesa de jantar da família foram substituídos por aparelhos de TV presentes em todos os cômodos – “cada indivíduo preso em seu próprio casulo” –, um número sempre decrescente de pessoas podia contar com o calor revigorante e alentador da companhia humana; sem companhia, elas não sabiam como preencher as horas e os dias.

O advento da internet permitiu esquecer ou encobrir o vazio, e, portanto, reduzir seu efeito deletério; pelo menos a dor podia ser aliviada. Contudo, a companhia que tantas vezes faltava e cuja ausência era cada vez mais sentida parecia retornar nas telas eletrônicas, substituindo as portas de madeira, numa reencarnação analógica ou digital, embora sempre virtual: pessoas que tentavam escapar dos tormentos da solidão descobriram nessa nova forma um importante avanço com referência à versão cara a cara, face a face, que deixara de existir. Esquecidas ou jamais aprendidas as habilidades da interação face a face, tudo ou quase tudo que se poderia lamentar como insuficiências da conexão virtual on-line foi saudado como vantajoso. O que o Facebook, o Twitter e similares ofereciam foi recebido alegremente como o melhor dos mundos. Pelo menos foi o que pareceu àqueles que ansiavam desesperadamente por companhia humana, mas se sentiam pouco à vontade, sem jeito e infelizes quando cercados de gente.

Para começo de conversa, nunca mais precisei estar só. Nesse mundo online, ninguém jamais fica fora ou distante; todos parecem constantemente ao alcance de um chamado – e mesmo que alguém, por acaso, esteja dormindo, há muitos outros a quem enviar mensagens, ou a quem alcançar de imediato pelo Twitter, para que a ausência temporária nem seja notada. Em segundo lugar, posso fazer “contato” com outras pessoas sem necessariamente iniciar uma conversa perigosa e indesejável. O “contato” pode ser desfeito ao primeiro sinal de que o diálogo se encaminha na direção indesejada: sem riscos, sem necessidade de achar motivos, de pedir desculpas ou mentir; basta um toque leve, quase diáfano, numa tecla, um toque totalmente indolor e livre de riscos.

Também não há necessidade de sentir medo de estar sozinho, da ameaça de expor-se à exigência de outros, a um pedido de sacrifício ou de comprometimento, de ter de fazer alguma coisa que você não quer só porque outros querem que você faça. Essa certeza tranquilizadora pode ser mantida e usufruída mesmo quando você está sentado numa sala apinhada de gente, nos corredores de um centro comercial lotado, ou passeando na rua, no meio de um grande grupo de amigos ou de transeuntes; você sempre pode “se ausentar espiritualmente” e “ficar só”, ou pode comunicar aos que o rodeiam que deseja ficar fora de contato. Escapo da multidão mantendo os dedos ocupados para digitar uma mensagem a ser enviada a alguém que está fisicamente ausente; por isso, nesse momento, não me são feitas exigências, nada me ocupa a atenção, a não ser o “contato”, ou passar os olhos numa

mensagem que acabaram de me enviar.

Com esses aparelhinhos na mão, consigo até me afastar de uma situação de pânico, se quiser, instantaneamente – no momento exato em que a companhia se acerca demais e me parece opressiva. Não sou burro e hoje estou pagando um preço alto por esse culto ao enviar e receber. Nunca mais consegui ficar verdadeira e completamente só. Assim, deixei ao longo do tempo de ver um filme, ler um livro, olhar pela janela e imaginar outros mundos diferentes do meu. Deixei de estabelecer comunicação com pessoas reais no meu meio imediato. (E esses amigos são incontáveis, de uma diversidade fascinante; há cerca de quinhentos ou mais “amigos” no Facebook.)

Fugindo da solidão, deixei escapar a chance da *solitude*: essa sublime condição na qual a pessoa pode “juntar pensamentos”, ponderar, refletir sobre eles, criar – e, assim, dar sentido e substância à comunicação. Mas quem nunca saboreou o gosto da solidude talvez nunca venha a saber o que deixou escapar, jogou fora e perdeu.

CAIXA RÁPIDO

Entro correndo no supermercado. Escuto o segurança dizer que vai acabar o mundo. É verdade, penso. Só vejo filas e mais filas nos caixas. Me concentro. Avanço sobre um grupo no setor de frutas. Peço licença entre duas senhoras, chego ao setor das frutas. Sigo. Uma promoção relâmpago causa furor. Uma mulher com duas crianças quase me atropela. Uma devora uma barra de chocolate, outra lambe um pote de iogurte. Não têm mais do que cinco anos. Na área das bebidas, um grupo de adolescentes entope o carrinho com latas e mais latas de cerveja. Tento dialogar. Não tenho sucesso. Eles me cercam. Recuo alguns passos e salto. Esbarro num casal jovem. Chego a um caixa rápido. Na minha frente apenas um homem com uma muda de planta, ainda fechada e uma garrafa de vinho. Confiro as compras: pão de sanduíche integral — é o que diz na embalagem — peito de peru, queijo minas, 1 garrafa de suco de laranja, 3 maçãs, 1 bandeja de morango, 1 bandeja de patinho, 1 cerveja long neck, 1 pacote de massa e 1 pacote de amendoim. Dez itens, certinho. Chego à porta e a tempestade está no ápice. Escuta-se um estrondo. O súper é engolido por um enorme buraco. O asfalto da rua cederá com a chuva. Gritaria, escuridão. Estamos presos. Sigo ouvindo a chuva. Resolvo, um pouco encabulado, fazer um sanduíche e tomar a cerveja. Olho para o lado e vejo que os demais clientes fazem o mesmo com suas compras. O clima é descontraído, as pessoas trocam comida. Alcatra virou carpaccio, teve degustação de queijos e vinhos, salgadinhos, frutas, bolachas e chocolates. Fazem banquetes. De barriga cheia, acabamos dormindo. Ao acordar, alguns ainda conseguem preparar um café. Os demais, tentam, sem sucesso, alcançar as prateleiras da padaria. Ficam exaltados. Ouço gritos de é meu, me dá um pedaço. É a fome. O chão, todo vermelho. Conseguiram chegar até o açougue. Lembro do homem à minha frente. Penso em oferecer uma maçã. Não enxergo mais a folhagem, só uma árvore. Num canto, ele caído, sem roupa, sem um braço e sem uma perna.

Tiago acordou assustado. A chuva grossa e gelada batia na cara e inundava o quarto. Ele grita. Precisa de ajuda. Não tem um braço e uma perna. Cláudia, a esposa, protegia a árvore do temporal fechando a janela da sala.

SEXO COM BORDA

Graças a deus acabou a chatice da paquera, do namoro. Sem cinema, restaurante, flores e presentes. Economizar é comer bem, brinco. Não preciso mais ficar me “matando” para impressionar e obter o ok da menina, das amigas e da família. Tampouco necessito mover mundos e fundos para merecer e conquistar o consentimento dela na hora de levá-la para a cama e provar do corpo desejado. Fazer sexo hoje é tão fácil como pedir uma pizza. Aqui em casa é sagrado: quarta, sexta e sábado tem sexo. Terças e quintas, pizza. Não vivo sem eles. Promovem o consumo imediato e a satisfação instantânea. Entro no site, escolho a “comida” e aguardo. Leva de 30 a 40 minutos. Com ou sem borda, três ou quatro sabores, premium ou mega. Não sobra nada. De quatro, ladinho, em pé, por cima, frango assado; oral, anal ou vaginal. O mesmo acontece ao selecionar. Loira, morena, ruiva, negra ou asiática. Olhos verdes, azuis ou castanhos. Cabelos lisos ou crespos. Seios fartos ou bunda arrebitada. Ou ainda, quando a fome é grande, as duas coisas. Não deixo nada na tela.

Quem vê imagina que seja o Éden. Mas não é. Não serei hipócrita. Tive ficantes, sete e namoradas, nove. De várias idades. Tímidas, atrevidas, carentes e loucas. Dezesesseis relacionamentos e nunca me apeguei. Com o tempo as mulheres se davam conta e sumiam. No começo não dei bola. Era fácil manter a quitinete de 35 m² organizada e limpa. Além do mais, aquilo que os leigos chamam de se apaixonar, amar, resume-se à liberação de oxitocina, substância que nos faz gostar de sexo. Ou seja, o amor é uma droga. Passei a me medicar pela internet. Fotos, webcams, mensagens e vídeos. Já cometi exageros. Numa só noite transei com mais pessoas que meus pais e avós teriam encontrado durante toda a vida. Desde então levo uma vida abstrata, digitalizada. Meu corpo deixou de ser o ancoradouro real e agora organiza-se em um universo descorporificado, o das telas. Sai de cena o Homo Sapiens e entra o Homo ecranis. Update. Porém, após o ato, fica uma sensação de abandono, perda e o sentimento de humilhação, solidão e privação. E eu continuo com fome: de calor humano. Sou psiquiatra. Tenho consciência de que atitudes como estas ajudam a enfraquecer e tornar mais superficiais as relações construídas na vida real. Sempre soube que meu discurso de foda-se o namoro era uma forma de esconder a frustração de jamais ter conseguido fazer todas aquelas coisas que costumavam transformar o encontro sexual em um acontecimento estimulante, embora incerto, uma busca de aventura romântica, arriscada e cheia de armadilhas. O filósofo Martin Heidegger diz que as coisas só se revelam à consciência por meio da frustração que provocam. Tomei 23 chutes

na bunda. Nunca sofri. Agora basta desligar o computador depois de uma foda, que já foram boas, agora são medianas, que a frustração se instala. Eu queria resolver a quadratura do círculo, comer a pizza e conservá-la ao mesmo tempo. E não tem como. Por enquanto. Então, sigo dividido entre borda recheada e rechear as bordas.

SEXO AO VIVO

Durante anos amaram-se a distância. Conheceram-se por acaso, ele havia enviado um whatsapp por engano. Ela achou engraçada a mensagem e respondeu. Começaram a conversar. Apaixonaram-se. Resolveram namorar. Com um detalhe, nunca souberam um o paradeiro do outro. Depois de tanto tempo, decidem se encontrar. Podiam viver como sempre sonharam. Sentam à mesa do restaurante frente a frente. Em silêncio, tentam se ligar através dos olhos. Nem as mãos entrelaçadas sobre a mesa conseguiram fazer com que se vissem. Seguem calados e imobilizados. Ele retira o celular do bolso e tecla com fervor. Ela pega o smartphone de dentro da bolsa e responde com lascívia. Ambos mordem os lábios. Estão suando. Amam-se ali mesmo.

AMOR INBOX

“Lembra quando você me trouxe aqui? Nos sentamos na mesinha lá atrás, onde o sinal do wi-fi é mais forte. Pedimos dois cappuccinos e você fez questão que eu experimentasse a torta. Massa aerada, recheio transbordando e doce de leite uruguaio. Fazia frio. Cinco graus. Cinco da tarde. Cinco de agosto.

“Ahamm”

“Pois é, já faz dois anos. Namoramos, viajamos e fomos morar juntos. Cinema, teatro e museus. De manhã, café na cama. De madrugada, sexo. Estávamos seguros um com o outro. Agora são somente incertezas, vazios e silêncios. Dois estranhos. Como isso foi acontecer? Fernando, você está me ouvindo?”

“Sim, pode trazer uma fatia de torta.”

“Deixa pra lá”

“Só um pouquinho.... Peraí, agora foi. Publicado”.

“Fernando, você me ama. Anda, diz alguma coisa.”

“Desculpa, o wi-fi não é mais o mesmo”.

“Mas eu estou te perguntando cara a cara!”

“Ah, é. Foi mal. O que você quer saber mesmo?”

“Eu perguntei se você me ama.”

“Hummm. Te respondi inbox”.

VIRGÍNIA

Os últimos dois anos de Benjamin foram mais sofridos. Preso no quarto, ele mantinha contato com o mundo através da internet. Os próximos se afastaram e ele ficou perto dos que estavam longe. Não saía da frente do computador. Tinha vergonha de sair. Tinha medo de acabar sozinho. Tinha medo do que os outros iam dizer. As mulheres, geralmente, fugiam dele. Diziam que ele era uma aberração. Benjamin estava disposto a mostrar que era tudo mentira. Fez o pedido e acertou o pagamento no cartão. Virgínia chega bem no horário combinado. Morena, olhos verdes, cabelos pretos, quadris largos, seios empinados e bunda de saúva. Ele a carrega para o quarto. Da boca carnuda não sai um som. Benjamin joga Virgínia na cama. Arranca sua roupa: minissaia e blusa decotada. 300ml de silicone saltam. Ele, ávido, massageia com volúpia, e então mergulha para buscar o néctar. Macios. Suga com mais força. Parece um adolescente. Ele enfia o dedo na buceta. Encharcada. Abre-lhe as pernas e despeja todo o seu vigor. De lado, de quatro e por cima. Não se cansava. Parecia querer sempre mais. Transaram o dia inteiro. Ele se apaixonou. Acreditou que Virgínia fosse uma espécie de mulher paradoxo de estranhos fermentos, emocionante por suas ingenuidades e algumas vezes desanimadora pela inconstância. Virgínia permanecia muda. Olhos de ansiedade e luminosos. Parecia presa em outro mundo. Passaram semanas assim. Os vizinhos, enciumados. Há muito não se ouvia ruídos de sexo naquele prédio.

Benjamin sabia que o prazo estava no fim. Acabou casando. Ninguém mais diria que ele morreu solitário. No início era puro sexo. Depois, entediados, ficavam horas no computador sem fazer nada. Ele a carregava para cima e para baixo. Cozinhas, limpava a casa e passava. Aos poucos, no entanto, a relação foi se apagando e desgastando. Hoje, Virgínia está num canto da sala. A bateria viciou. Ela, agora, fica 24h na tomada. Ao menos os olhos reluzentes servem como luz indireta para a leitura.

STATUS: ATUALIZANDO

Quando saiu de casa, a mulher parecia dormir. Fazia semanas que ela tentava reiniciar a conversa. Ele não dava bola. Entrou no carro, e ao virar a chave, um aviso: atualizando o sistema de GPS e computador de bordo. Tudo diferente. Mais uma semana para entender e ver como funciona. No escritório, o PC não ligava. Consultou o suporte. Teriam que atualizar o sistema operacional. Perdeu o trabalho de meses. No restaurante, o cartão de crédito não passou. Erro do sistema. Desculpe, senhor, precisamos atualizar. Sem problema, vou ao banco e retiro dinheiro. Caixas fora do ar. Estamos trocando o sistema, modernizando. De volta ao serviço, não consegue falar com a esposa. Aplicativos do celular estão sendo atualizados e os do computador, com a nova versão, foram bloqueados. Carregando. 90%. 99%. Ok. Chega uma mensagem da mulher. Steve, estou atualizando o meu status. Te substituí por uma versão mais jovem. Deletei você da memória. Formatei meu coração.

ETERNO RETORNO

Madrugada. Sigo fugindo. Atravessei florestas, escalei montanhas, escapei de animais selvagens, nadei até uma ilha, me protegi da neve e agora chego a este deserto. Minha vida se esvai. Não consigo retê-la. Estou cansado. Amanheceu. Dia amarelado, manchado. Eu vou sempre em frente, embora todos os cantos pareçam me levar ao mesmo lugar. Lugar vazio. Tenho a sensação de viver sempre o mesmo dia. Procuo respostas, mas sei que as não encontrarei. Difícil aguentar o calor, mais difícil suportar a ausência que inunda o lugar. Não há nuvens no céu, não devia estar tudo azul? O sol torra a cabeça, mas é preciso continuar o itinerário. Por quê? É preciso. Logo serei descoberto. Para aliviar o peso, deixo minha sombra pra trás. Olho para cima, para os lados, para frente, só não olho para trás. Tudo me parece igual. Não quero mais pensar, mas penso. Parece que tem algumas luzes lá em frente, falta pouco. Mas é só o calor do sol, que me fantasia a vista. Depois de muito tempo — o tempo ainda existe? Caio, e sem forças, não alcanço a tomada.

Lucas virou a noite jogando. Dormiu, de novo, sobre o console. Outra vez deixou Laurence preso na penúltima fase — o deserto da agonia.

Madrugada...

BRINCANDO DE BONECA

Suzi passou seu aniversário em cima de uma cama. De hospital. Lipoaspiração, implante de silicone nos seios e maquiagem definitiva. A cirurgia foi um sucesso. Suzi não é mais mocinha, virou mulher. Completou 15 anos. A mãe parecia explodir de felicidade. Desde criança, a menina com nome de boneca foi incentivada. A consumir. Nem havia tirado as fraldas e já desfilava com uma marca própria de moda. Com sete anos tinha um closet de atriz de Hollywood. Na TV, desfiles, dicas de maquiagem, alimentação e exercícios. Aniversário, Natal e Dia das Crianças: bolsas, sapatos, roupas, brincos, anéis, pulseiras, batom e esmalte. Sem perceber, os pais a transformaram. Em mercadoria. E mesmo assim passou a infância sentindo-se mais gorda e menos bonita do que as amigas do colégio; que se sentiam mais gordas e menos bonitas que as outras colegas. Trata-se de uma linhagem. De frustradas. Suzi sonhava, quando fazia selfies, em ficar parecida com a sua boneca Barbie. Por ironia, o nome, dado pelo pai, era a da rival. Por deboche, Suzi era morena. Ela nunca se conformou. Fez uma promessa. Quando completasse 30 anos mudaria de nome e corpo: seria a primeira Barbie da vida real. Suzi virou modelo. Para outras garotas. A cada etapa da transformação, publicava fotos e vídeos na internet. Milhões de acessos. Milhares de seguidoras. Todo mundo queria ver a Barbie tupiniquim. Infelizmente não conseguiram. Um dia antes de virar balzaquiana, ela havia feito a cirurgia radical: 3 litros de silicone nos seios, retirada de duas costelas e implante de gordura no bumbum. A última fase estava concluída. Os médicos, exultantes com o resultado, tiravam fotos. Foi o último registro. Barbie ou Suzi acabara de explodir. O velório dela foi curto. Poucos amigos e quase nada de parentes. Caixão fechado.

MENSAGEM DE AMOR

Viu as mensagens da namorada no celular. Textos obscenos, fotos provocantes e declarações arrebatadoras. Não teve dúvidas. Iria se vingar. Quando ela voltou da academia o encontrou atirado no chão. Estava nu com o telefone junto ao corpo. Ele o acariciava e o beijava com sofreguidão.

A CAIXINHA

Mantinha o minúsculo smartphone — última geração — em uma caixa. Deixava os óculos inteligentes numa gaveta. Tudo o que queria era andar com o aparelho na mão e os óculos na cara. Mas se tirasse da caixa e da gaveta certamente os roubariam. Não hesitou. Cortou a mão. Arrancou um olho. E, através de uma mínima fresta, os enfiou numa caixinha.

NO BANCO DA PRAÇA

Gosto de acompanhar o mundo sentado no banco da praça principal de Poznan, às margens do rio Warta. Foi aqui que, mentalmente, elaborei a maioria dos meus livros ao observar o que as pessoas fazem e deixam de fazer. Noto que agora o tempo passa mais devagar. Talvez seja o efeito do remédio que me deixa assim, contemplativo. Troquei o Aristab* 10 mg pela risperidona.

Babás empurram os carrinhos usando apenas uma das mãos. A outra equilibra o celular. Num canto da praça, mãe e dois filhos, sentados num banco. No canto oposto, perto dos brinquedos, outra mãe amamenta e tira foto. Tira foto e amamenta. As curtidas se multiplicam em minutos. Bem no centro, um homem joga bola com dois garotos, filho e sobrinho. Pelo tablet. Uma família — pai, mãe e três crianças — chega para um piquenique. A grama fica coberta por bolos, tortas, pães, sucos e salgados. Não conversam uns com os outros. Apenas comem. Jovens com corpos esculpido pelos cirurgiões correm com fones de ouvido. Ninguém se escuta. A cada intervalo para tomar o repositivo de sais minerais, uma selfie, uma atualização no aplicativo de corrida. Um casal de namorados passeia bem coladinho. Celular com celular. Deitam-se debaixo de uma árvore. Rostos de felicidade. Na tela dos aparelhos. As imagens me provocam palpitações. O ar se esvai. Cadê meus comprimidos. Eu sei, estou velho. Sozinho e doente. E velhos nesta idade “inventam” coisas. Tontura. Desmaio. Acordo com uma lambida do vira-lata, assíduo frequentador da praça, assim como eu, e pela chuva, fina e gelada. Estranho, o céu estava azul quando cheguei. Não me lembro de nenhuma nuvem. O cachorro abana o rabo. Vejo que seu pote de comida e água estão cheios. Sorrio. Olho um jovem correndo na chuva. Uma ciclista flerta com um motoqueiro em frente à praça. Uma criança cumprimenta de forma efusiva um idoso que faz ginástica na academia da 3ª idade. Transeuntes sorriem sozinhos em suas caminhadas. Então surge a sensação gostosa, relaxante de perceber que, aos poucos, o mundo está se curando. Lágrimas se liquefazem do meu rosto em meio à chuva.

* ARISTAB é indicado para o tratamento de esquizofrenia e transtorno bipolar

* RISPERIDONA é indicada no tratamento de uma ampla gama de pacientes esquizofrênicos incluindo:

- a primeira manifestação da psicose.
- exacerbações esquizofrênicas agudas.

– psicoses esquizofrênicas agudas e crônicas e outros transtornos psicóticos nos quais os sintomas positivos (tais como alucinações, delírios, distúrbios do pensamento, hostilidade, desconfiança), e/ou negativos (tais como embotamento afetivo, isolamento emocional e social, pobreza de discurso) são proeminentes.

DANDO NÓ EM PINGO D' ÁGUA

“A necessidade de pensar é o que nos faz pensar”

Theodor W. Adorno

Vejo tudo embaçado. Areia nos olhos. Vou ao banheiro. Abro a torneira.... devagar. A água pinga. Mais forte. Ela jorra. Lavo o rosto. Volto ao computador. O cursor não se moveu. Mas o mundo ao meu redor já é outro.

[Liquidez contemporânea]

Do amanhecer ao pôr-do-sol, o mundo em que vivemos – abro parênteses para um palavrão que utilizarei com frequência – contemporâneo – fecho parênteses – já mudou em quase todos os aspectos. Afinal, o que é ser contemporâneo? Considero que Giorgio Agamben é quem responde de forma mais lúcida à pergunta.

“contemporâneo é aquele que mantém o olhar fixo em seu tempo, para perceber não as suas luzes, mas sim as suas sombras. Todos os tempos são, para quem experimenta sua contemporaneidade, escuros. Contemporâneo é quem sabe ver essa sombra, quem está em condições de escrever umedecendo a pena nas trevas do presente”.(AGAMBEN, 2009, pgs 62 e 63).

De volta ao mundo, que agora já é outro novamente. As circunstâncias que nos cercam, as pessoas as quais nos ligamos e nos desligamos (ou somos desligados) de outras – também estão sempre mudando. Oportunidades e ameaças fluem ou flutuam no ar, vêm, voltam e mudam de lugar, escorrem. Sejam bem-vindos à Modernidade Líquida.

[Bauman por quê?]

Um dos termos, mais surrado que pano de chão, para descrever e analisar nossa condição sociocultural contemporânea é pós-modernidade. Torcido e retorcido por uma gama de pensadores. Não limpa mais. Bauman, com a Modernidade Líquida, revela não

apenas o que essa condição deixou de ser (modernidade), mas também que qualidade ela adquiriu que a distingue da “clássica” e, portanto, exige uma nova “caixa de ferramentas analítica”. O aspecto da liquidez, incapacidade de reter sua forma por muito tempo e sua propensão a mudar de forma sob a influência de mínimas, fracas e ligeiras pressões é a característica mais marcante de nossa atual condição sociocultural.

Bauman deu o nome de Modernidade Líquida a atual conjuntura histórica, política, social e cultural. Ela representa a diluição do ideário universalista da Modernidade, que traz acima de tudo o conceito de progresso, considerado tanto em nível material como teleológico e moral. Segundo ele, o projeto original da Modernidade, que pretendia ser um esforço único e uma revisão definitiva do mundo não incluía a possibilidade da “modernização” tornar-se uma compulsão e obsessão, de fato, uma forma permanente de vida em nossa época.

Aos 90 anos, Zygmunt Bauman construiu em torno da sua teoria da modernidade líquida um pensamento sólido e transparente. Para o sociólogo tudo ao nosso redor é líquido, volátil e transitório. Nada é feito para durar mais do que 140 caracteres ou uma curta vida. Vivemos sob a tirania do aqui e agora. Nunca temos tempo. Nunca refletimos. Nunca avaliamos o que estamos deixando para trás, ponderamos sobre o que temos a ganhar e a perder com nossas decisões.

“A vida líquida é uma vida precária, de incertezas constante. sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes (BAUMAN, 2009, p.8).

Como foi possível chegar a este ponto? Modernizando hoje o que foi criado ontem. Mas, não porque o modelo anterior tenha ficado defasado, mas porque o NOVO é teoricamente mais MODERNO. Isso virou um círculo vicioso desenfreado. Um câncer social.

Zygmunt Bauman analisa os problemas da sociedade contemporânea com contundência. O sociólogo investiga a questão da especulação sobre o medo público, o consumismo

dos indivíduos como suporte para a manutenção da economia e a fragmentação da experiência ética da alteridade, os relacionamentos frágeis e virtuais são algumas das questões presentes nos seus mais de 30 livros. Minha intenção foi a prosseguir sua reflexão, mas usando como ferramenta a Literatura.

[O que contar?]

Walter Benjamin, filósofo capaz de perceber e interpretar qualquer sistemática de trepidação cultural, falava em dois tipos de narrativa: as histórias de marinheiro e as histórias de camponês. As primeiras são narrativas de ações bizarras que se passam em lugares distantes. São tantas proezas que as pessoas que escutam as histórias jamais imaginariam ver e menos ainda realizar.

As histórias de camponês, ao contrário, são narrativas de acontecimentos próximos, **aparentemente** familiares, como as tarefas cotidianas da casa. Essa familiaridade é falsa. Uma vez que não é verdade que não há nada de novo a aprender com eles ou sobre eles – consequência de serem esses eventos próximos demais dos nossos olhos. Pelo contrário. Nada foge tanto a nossa atenção quanto aquilo que está à mão. É como se elas “se escondessem sob a claridade”.

O que tento fazer é escrever histórias de *camponeses* como se fossem contadas por *marinheiros*. São vidas comuns, mas que servem para revelar e expor o que elas têm de extraordinário e que nos passaria despercebido.

Nos contos, os personagens transitam pelo Facebook, Instagram, e-mail, Whatsapp, Youtube, pois fazem parte do modus vivendi deles.

“Narrar essa vida é contar a história de sucessivos finais. E talvez a glória de uma vida líquida de sucesso seja mais bem transmitida pela invisibilidade das tumbas que assinalam seu progresso do que pela ostentação das lápides que celebram o conteúdo dessas tumbas” (BAUMAN, 2009, p.9).

Todos os contos de alguma maneira carregam as marcas da liquidez: quando o ser humano se despersonaliza e adquire o estatuto de coisa a ser consumida, para, em

seguida, ser descartada por outra, quando esta figura se cansa do uso continuado do objeto “homem”, facilmente repostado por modelos similares. Esse processo imerso no oceano da indiferença existencial é a característica por excelência da ideia de “vida líquida” problematizada por Bauman, uma vida precária, em condições de incerteza constante:

“A vida na sociedade líquido moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo” (BAUMAN 2010, p 10).

Assim, na perspectiva de Bauman, o sujeito da modernidade líquida se constitui por inúmeros mal-estares, sentimentos de aflição, insegurança, depressão, ansiedade; já que são permanentemente ameaçados pela possibilidade de se tornarem supérfluos: lixo. E, portanto, terem suas vidas desperdiçadas antes mesmo de nascerem.

Neste contexto, passamos a vida em busca da segurança, de estratégias de defesa eficazes, fugindo do “lixo humano” – excluídos do consumo – e com medo de sermos os próximos a serem lançados no aterro já que, parafraseando o sociólogo: a cada refugio seu depósito de lixo. Ou seja, a nossa cultura é a do lixo, do descartável imediatamente, sem causar grandes transtornos.

Sempre na direção da fluidez e rapidez, tendo em vista as transações comerciais aqui apontadas, o consumir ganha enorme importância para os seus habitantes, permitindo que a mão invisível do mercado atue no sentido de transformar os luxos de hoje em necessidades do amanhã.

Como consequência desta liquidez desmedida, temos o engajamento mútuo: todos estão ocupados o tempo todo. A agenda está cheia, especialmente para aqueles que, no momento, não podem oferecer alguma espécie de vantagem. Para os “indesejados”, oferece-se toda espécie de resposta vinda de um aparelho eletrônico. Estas máquinas, portanto, colaboram para que o descompromisso entre as pessoas seja uma norma.

[Sujeito líquido]

Dentro desse contexto líquido – e alguns dos personagens dos contos refletem e traduzem esse sentimento – o desejo dos indivíduos parece ser formado pela procura de um hiper-real, uma fantasia mais interessante que o real. Assim, o sujeito deseja o real, mas ao mesmo tempo em que sabe que precisa fugir dele.

Diante da crise do estatuto do real, a ideia de que o desejo é desejo em si mesmo, é desejo puro da “pulsão”, pura tendência a desejar, pode ser explorada no sentido de que o sujeito busca saber qual o objeto real do seu desejo. No entanto, esse objeto real não existe em si mesmo. Segue-se que a tarefa de preencher esse desejo com algo (com algum objeto ou pensamento). O resultado é uma geração de insatisfeitos consigo mesmo e com o outro.

[Por que contos?]

Entendo que o gênero narrativo que melhor representa a velocidade e leveza, marcas importantes da vida líquida, seja o conto. Procurei ilustrar nos textos a objetividade, fragilidade da contemporaneidade.

Procurei evitar rebuscamentos na linguagem, usei frases curtas, num ritmo quase frenético na maioria dos contos. Concentrei, em alguns, toda a força teórica em poucas linhas. As narrativas vão se liquefazendo à medida em que avançam. Tentei dar diferentes tratamentos a um mesmo tema: variedade de narradores, de foco narrativo, uso de diálogos em todo o conto. Exercitei ainda diferentes os discursos direto, indireto e indireto livre.

[A literatura se liquefaz]

Alguns personagens são desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, anseiam por segurança do convívio e da mão amiga, estão dispostos a tudo por relacionar-se. Outros estão presos na roda gigante do consumismo, da individualização, do isolamento e do medo. As narrativas em 1ª pessoa são as que apresentam maiores digressões e reflexões acerca do status quo da

vida líquida. Em outros textos, tentei explorar o miniconto numa prosa poética. Algo breve e fugaz, ilustrando nosso momento social. Exercitei ainda o diálogo, especialmente nos contos **Jesus na linha** e **Casamento Líquido**. O primeiro conto, **Restos e Rastros**, além de ser um dos maiores, é o que se apresenta numa perspectiva mais sólida: forma e conteúdo. Porém, ao final, a metáfora da sopa, indica a presença da liquidez que vai dominar, daí em diante, os demais textos e a variedade dos temas: misturando os ingredientes. Sexo virtual, relacionamentos frágeis, consumismo, moda, vida digital, entre outros. O último conto — **No Banco da Praça** — carreguei nas tintas o narrador personagem com os traços físicos e as reflexões de Zigmunt Bauman.

[Não-linear]

Os contos que precedem esta reflexão NÃO foram, na sua maioria, escritos na sequência em que você os leu. Alguns - **No banco da praça, Amor inbox, Sheol** - por exemplo, a primeira matéria com que trabalhei foi o final. Sabia como queria que encerrassem as narrativas. Bem como a estrutura do conjunto - ordem. Iniciei, por uma afinidade e familiaridade com o texto rápido, com os minicontos **Mensagem de Amor e A Caixinha**. E aos poucos, me apropriando dos temas da Modernidade Líquida, passei a ampliar a reflexão na forma de Literatura, como pode-se perceber em **Medo, Enviar e Receber, Sexo com Borda**.

[Conversa em 1ª pessoa]

Os narradores, na maior parte dos textos usam a linguagem coloquial, carregando um certo clima de oralidade, em especial nos diálogos, curtos. A escrita ágil, telegráfica e de frases curtas remete ao mundo do Twitter, onde cabem apenas 140 caracteres para resumir *O que você está fazendo?* Esta característica permeia quase todos os contos, em maior ou menor grau. Por outro lado, os parágrafos longos é uma alusão ao pensamento que vem em forma de avalanche e aos “textões” da internet. Utilizo a 1ª pessoa por defendere a tese de que a primeira pessoa do singular carrega consigo AUTORIDADE. “A primeira pessoa do singular pode fazer um sermão, discursar, rememorar, testemunhar, dizer a verdade (ou pensar que está dizendo), e pode mentir”. (MANGUEL, 2006, p.119).

Além do que, no ambiente da liquidez onde se proliferam opiniões, depoimentos narcisistas, a narração em primeira pessoa é a que, defendo, melhor representa a vida líquida.

[Zumbis online]

Atrás de você, dos lados, à frente. Na rua, no ônibus, bar, cafeteria, livraria, restaurante, metrô, avião, sala de aula, em casa. Não temos como escapar da infestação de zumbis. Digitais. Conectados no Instagram, Google, Youtube, Twitter, Facebook, Snapchat e Tumblr. Ninguém mais troca meia dúzia de palavras. No octógono da vida as relações *virtuais* derrotam facilmente as *reais*. Gente que nunca se viu face a face, mas que se ama no Face. Gente que se reúne toda semana, no grupo de conversa. Gente que publica o que fez, faz e vai fazer. Os “encontros” acontecem digitalmente e tornam-se breves, superficiais e, sobretudo descartáveis. Esse mundo virtual, representante ilustre da nossa modernidade líquida, com a possibilidade de excluir.

Nosso estado - do acordar ao deitar - é o de permanente insatisfação de desejos, necessidades e vontades. Estamos sós. Conectados com o mundo, mas sozinhos. O mercado de consumo, através das lojas é o alívio para as dores desse sentimento. "Para que as expectativas se mantenham vivas e novas esperanças preencham o vazio deixado por aquelas já desacreditadas e descartadas, o caminho da loja à lata de lixo deve ser curto, e a passagem, rápida". (BAUMAN, 2009, p.107).

Ou conforme Gilles Lipovetsky:

“Jamais na história da humanidade os homens tiveram tanta possibilidade de estar conectados uns com os outros pelas redes de comunicação e jamais tiveram um sentimento tão forte de isolamento. É esse estado de solidão e de miséria subjetiva que fundamenta, em parte, a escalada consumista, que permite à pessoa oferecer a si mesma pequenas felicidades como compensação pela falta de amor, de laços ou de reconhecimento”. LIPOVETSKY, 2011, p.56).

Somos estimulados a dizer o que pensamos e narrar o que vivemos a cada segundo dentro de um ambiente camuflado, essa é a verdade, de diversidade. O que ocorre de fato são monólogos que confirmam opiniões cristalizadas. Só escutamos os ecos da própria voz. Só precisamos parar de responder alguém, bloquear.

[Leônia, a arte do desaparego]

Tudo o que é consistente ou representa a solidez é visto como ameaça: fidelidade, compromisso a longo prazo indica - para quem desfruta do mundo líquido - um futuro sobrecarregado de obrigações que restringem a liberdade de ação e a capacidade de experimentar desconhecidas oportunidades que venham a surgir. A simples ideia de assumir algo ou alguém “até que a morte os separe” é assustadora. Dessa forma, aquilo que se deseja envelhece, perde o rijo no intervalo de uma (des)curtida.

Os sites de futilidades, revistas e programas de TV ditam o ritmo sobre o que nós temos que fazer, comprar, ler, trocar, vender e jogar fora. Essa sociedade se parece com a cidade de Leônia, a cidade invisível, de Italo Calvino onde “Mais que as coisas que a cada dia são fabricadas, vendidas e compradas, a opulência de Leônia se mede pelas coisas que a cada dia são jogadas fora para dar lugar às novas.” (CALVINO, 1998, p.105).

Desapega, diz o comercial. Eis a síntese da verdadeira paixão do nosso mundo líquido: jogar fora.

[Camaleões digitais]

No mundo virtual o que realmente importa, em especial, para as gerações mais novas – homens e mulheres de 18 a 30 anos — é, a todo instante, remodelar a — outro palavrão — **identidade** a partir do instante em que surge uma necessidade (ou, na verdade, um capricho) de refazê-la, ou quando se suspeita que essa necessidade já tenha surgido. Ela agora deve ser **descartável**; uma identidade insatisfatória, ou não suficientemente

satisfatória, ou uma identidade que denuncia a idade avançada, deve ser abandonada. É o eu-sujeito biodegradável. Fluidez e fragilidade na potência máxima. A identidade de palimpsesto encontra terreno fértil para sua constituição:

“Essa é a identidade que se ajusta ao mundo em que a arte de esquecer é um bem não menos, se não mais, importante do que a arte de memorizar, em que esquecer, mais do que aprender, é a condição de contínua adaptação, em que sempre novas coisas e pessoas entram e saem sem muita ou qualquer finalidade do campo de visão da inalterada câmara da atenção, e em que a própria memória é como uma fita de vídeo, sempre pronta a ser apagada a fim de receber novas imagens, e alardeando uma garantia para toda a vida, exclusivamente graças a essa admirável perícia de uma incessante autoobliteração”
(BAUMAN, 1998, p. 36-37).

‘Nossa identidade está, na sociedade contemporânea, em constante atenção, revisão, atualização, renovação e manutenção. E quem vem nos socorrer, outra vez, é o mercado consumidor. Podemos obter a mudança necessária (na verdade, que julgamos ser) para que não desmorone ou sofra algum questionamento através de um atalho; compras sustentadas por um grande gasto financeiro – por meio da posse de commodities e provas de lealdade a marcas, por exemplo, pela etiqueta da blusa, das calças, dos sapatos ou de um telefone celular.

Hoje o que conta é a *quantidade* de conexões, e não sua *qualidade*, que faz toda a diferença para as chances de sucesso ou fracasso na vida social. É isso que possibilita manter-se *atenado* com o que “todo mundo está falando, com a última moda, as últimas novidades das celebridades”.

Estar em dia com tudo isso ajuda a atualizar os conteúdos e a redistribuir as ênfases na imagem da pessoa; ajuda ainda a apagar depressa os vestígios do passado, isto é, os conteúdos e as ênfases que agora estão vergonhosamente fora de moda. Tudo somado, a internet facilita demais, incentiva e inclusive impõe o exercício incessante da *reinvenção* – numa extensão inalcançável na vida offline.

[Vamos dar uma espiadinha]

Temos medo. Do “Outro”. Do desconhecido. Protegemos-nos do perigo e de sermos classificados como perigosos. As redes sociais são um tribunal 24h. Acusa-se para ser absolvido. Excluímos para evitar a exclusão. O medo alimenta o medo. Outra obsessão. O câncer, infelizmente, virou metástase. “Nossos medos se tornaram autoperpetuadores e autorreforçadores” (BAUMAN, 2011, p 91). Tudo é motivo para pânico: a fumaça do cigarro, o consumo de álcool, a taxa de colesterol, a pressão, obesidade, comida de fast food, o vizinho esquisito, o colega calado.

[Casulos a vácuo]

Os condomínios fechados representam do ponto de vista urbano, outra marca do mundo líquido. Entrada com guardas, alarmes, circuitos de TV. Paga-se caro para expulsar qualquer “invasor.” Trata-se de casulos privados suspensos num vácuo espacial. Ruas vazias. Dessa forma, caso alguém que não “pertença” ao lugar, se um estranho for visto na calçada, isso logo será detectado como evento fora do normal antes que ocorra algo perigoso.

Afinal, na era do celular e das redes sociais trocamos mensagens em vez de visitas. Todo mundo está online e pode ser contatada para saber se está pensando em te visitar. Assim, se alguém bater à porta sem ser anunciado: chame a polícia.

Nossa ansiedade, protegida pelos muros e cercas, aumenta ao invés de se dissipar e com ela a dependência do estado de espírito dos moradores com relação a “novas e melhores” engenhocas high-tech, vendidas pela propaganda com a promessa de desmoralizar os perigos e o medo do perigo.

Quanto maior o número de equipamentos com que nos cercamos, maior é o receio de que eles “falhem”. Quanto mais tempo gastamos preocupados com a ameaça de todo e qualquer estranho ou estrangeiro, menos tempo passamos na companhia deles, pondo à prova nossa preocupação. A tecnologia de vigilância atua em duas frentes - cercar para o lado de dentro - solidão (confinamento) e cercar para fora - exclusão.

Diferente do mundo previsto por George Orwell, não temos um Big Eye, mas, sim, uma multiplicidade de olhos. Todos bisbilhotam todos. Numa espiral de ansiedade e depressão.

[Sorria, você está sendo filmado]

A vigilância e o medo andam de mãos dadas na sociedade líquida. Verificar o status, as mensagens no celular, no Facebook, sugestões de compras baseadas no seu perfil, filtros de dados em cadastros infinitos, biometria, câmeras de segurança no elevador, na rua. Vivemos sob a égide do monitoramento, do controle, da segurança.

[Amor líquido]

Bauman fala de uma “política” do medo cotidiano, que mantém as pessoas longe dos espaços públicos e as afasta de uma sociabilidade mais sólida. Para ele, a magia “romântica” do amor se dissolveu na velocidade da vida dinâmica da vertiginosa era da alta tecnologia.

A nudez física, social e psíquica está na moda e ficamos felizes ao compartilhar: a nossa e a dos outros. As redes sociais se transformaram em confessionários portáteis.

“Submetemos à matança nossos direitos de privacidade por vontade própria. Ou talvez apenas consintamos em perder a privacidade como preço razoável pelas maravilhas oferecidas em troca. Ou talvez, ainda, a pressão no sentido de levar nossa autonomia para o matadouro seja tão poderosa, tão próxima à condição de um rebanho de ovelhas, que só uns poucos excepcionalmente rebeldes, corajosos, combativos e resolutos estejam preparados para a tentativa séria de resistir”.
(BAUMAN, 2007, p.28).

Conforme os dizeres de Bauman, “é preciso diluir as relações para que possamos consumi-las”. Alguém poderá argumentar que uma relação mediada pela tela do computador evita uma intimidade que muitos consideram indesejável. Se a relação começar a “travar”, basta deletar para sempre o contato dessa pessoa da lista. O mundo

virtual, que deveria proporcionar a aproximação entre os indivíduos, acaba então motivando ainda mais a ruptura interpessoal. Os relacionamentos virtuais são assépticos e descartáveis, e não exigem o compromisso efetivo de nenhuma das partes pretensamente envolvidas. Bauman define tanto as “práticas amorosas” virtuais como os relacionamentos afetivos marcados por um gosto pela efemeridade com o termo “relacionamento de bolso”, pois podemos dispor deles quando necessário e depois tornar a guardá-los.

Vejo casais realizando de tudo para que o relacionamento seja breve, superficial e fugaz. Se não gosto mais de você, se não “curti” o que você “postou” me desconecto — deixo de seguir, bloqueio. Se você não gosta de mim, a mesma coisa. Sem culpa, arrependimento ou explicação. Basta apertar um botão e pronto. Acabou!

Nos relacionamentos amorosos virtuais as possibilidades de um novo amor surgem e desaparecem numa velocidade crescente e num volume cada vez maior. Aniquilam-se. No mundo digital, os casais evitam os momentos amargos e penosos. Um grito, choro. DR, agora, só pelo whatsapp. “Em nosso mundo de furiosa individualização, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro”. (BAUMAN, 2003, p.8)

[Vida online e offline: celebridades]

Hoje os grandes “heróis” da mídia se caracterizam geralmente pela ausência de senso crítico acerca dos problemas reais que afetam a organização social, pois a eles cabe apenas representar o papel de chamariz de sedução do grande público, daí decorrendo a necessidade de se apresentarem como corpos fortes, aparentemente saudáveis, pois essa beleza forjada se torna o estímulo para que a coletividade social copie tal padrão de comportamento, consumindo as coisas cujas marcas publicitárias se identificam com tais celebridades.

“A cultura que aqui se instala impõe o reino do virtual. Ora esse virtual modela a nova realidade; as próprias estruturas do trabalho e da economia passam daí em diante a depender dele. O computador invadiu o mundo da empresa, do escritório, da atividade comercial e financeira. Nada mais se faz, do mais complicado ao menos complicado, sem que haja um

computador. O Homo Sapiens tornou-se Homo ecranis: daí em diante ele nasce, vive, trabalha, ama, se diverte, viaja, envelhece e morre acompanhado, em todos os lugares por onde passa, por telas que o mostram feto nas imagens de ultrassonografia, que lhe propõem encontrar o parceiro (a) para uma noite em sites de encontros e que chegam até a fazê-lo escolher seu caixão e seu modelo de túmulo”. (LIPOVESTKY, 2011, p.77).

[Maria vai com as outras]

A sociedade contemporânea é regida por incertezas em relação aos méritos relativos e vícios do número infinito de propostas existentes para cada aspecto da vida social. Por isso, a maioria das pessoas tende a se orientar por aquilo que os outros ao seu redor fazem. Todo mundo está falando desse livro, está na lista dos 10 mais. Compra. Esse filme recebeu várias críticas e foi visto por x milhões ao redor do mundo. Assiste. Este carro está no topo dos mais vendidos. Me dá um. Só para lembrar. Aquilo que chamam de destino, fatalidade, enfim, a circunstância até pode controlar e determinar a gama de nossas opções – mas é o nosso caráter que decide quais dessas são escolhidas.

[Monetizando o afeto]

Existem preocupações humanas que não podem mais ser atendidas nem enfrentadas sem a mediação dos mercados de consumo. Mercados de consumo capitalizam os escrúpulos morais e a dor de consciência de pais ou parceiros que se dedicam às suas carreiras profissionais ou apenas ganham o sustento da família sem conseguir dedicar todo o tempo e atenção que deveriam ou gostariam aos seus entes amados e mais próximos. Para esse tipo de sofrimento, os mercados de consumo oferecem um remédio: substitutos para o autossacrifício que o amor e a responsabilidade assumidos perante o “Outro” exigiriam reiteradamente; substitutos para a representação “natural” daquilo que não é mais oferecido, no entanto, mais caro e difícil de obter: compaixão, amizade, empatia, compreensão, amor e carinho, todos exigindo certo grau de autossacrifício, sinais de responsabilidade assumida. Com isso, o ato de comprar torna-se uma espécie de ato moral.

Neste contexto, o relacionamento eu-outro é mercantilizado e frágeis laços de afeto têm a possibilidade de serem desfeitos frente a qualquer desagradado das partes. E, deste modo, “O interesse público é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados” (2001, p. 46).

Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’, são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho... Associamos ‘leveza’ ou ‘ausência de peso’ à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos (BAUMAN, 2001, p. 8).

[Lipoaspiração, botox e silicone]

A cada segundo nasce uma nova mulher. Em clínicas de cirurgia plástica. O mercado de consumo, a publicidade, impõe que é preciso consertar e retocar o corpo para aperfeiçoá-lo ou forçá-lo a se adequar aos padrões desejados. A partir do momento em que a mulher sabe como fazer para evitar não ser descartada do mundo, mas não adota a solução, seu comportamento se torna vergonhoso. Não se trata apenas de vaidade e estética, mas de perda da estima social.

Se os seios são pequenos, se que reaver o corpo que tinha antes de ter filhos, por meio de uma lipoaspiração ou de uma plástica de abdômen, nós podemos ajudá-la a descobrir o procedimento adequado para o seu caso. Esse é o discurso do mercado estético. Sempre há um recado para cada tipo de problema e um problema para cada tipo de mulher, de tal modo que quase todas elas encontram pelo menos um apelo que parece se dirigir pessoalmente ao seu orgulho e autoconfiança; que lhe aponte um dedo acusador e a censure pela maneira tímida de lidar com o dever que tem para consigo mesma.

[Somos o que consumimos]

Homens e mulheres perambulam absortos pelos corredores dos shoppings. Têm a esperança de encontrar o seu EU. São estimulados e guiados pelo mercado de consumo a esta busca utópica.

“O hiperindivíduo é um consumidor que vai às compras em toda parte, mas que também está interconectado, ligado permanentemente nas redes que são comunidades tão pouco verdadeiras que os internautas lá se comunicam apenas sob identidades pseudo ou sob a forma de avatares. O que se busca é menos uma ancoragem comunitária e mais a embriaguez dos contatos e dos "amigos" constatemente renovados, a conectividade infinita, a abertura de possibilidades e dos encontros, o jogo com a própria identidade, uma segunda vida. A explosão das comunidades virtuais é, antes de tudo, a expressão da hipertrofia bem real da individualização”. (LIPOVESTKY, 2011, p.79).

O sujeito levou um fora da namorada, perdeu o emprego, bateu o carro. Não importa a razão, mas, hoje, tudo é motivo para consumir de forma desenfreada. Ele serve para manter invertida a relação trabalho x família. Somos bombardeados por anúncios—TV, jornal, rádio e internet e persuadidos a precisar de mais coisas. Para comprar, precisamos de dinheiro. Para ter dinheiro, trabalhamos mais. Longe de casa por mais tempo, compensamos nossa ausência com presentes que custam mais dinheiro. Se antes das festas de Natal e Reveillon você não se incorporar ao exército descontrolado que invade as lojas, você decepcionará as pessoas que ama e quer bem.

Numa sociedade marcada pela ansiedade e pela incapacidade de realizar uma experiência profunda de felicidade, a fome consumista surge como uma forma compensatória do indivíduo conseguir um mínimo de prazer na sua vida cotidiana. Existe um desejo, um frenesi em entrar e permanecer no grupo VIP a todo custo. As pessoas evitam não serem aceitas ou serem expulsas. “... medo de se dissolver nessa massa cinzenta, de ser mais um, sem rosto. .. tornar-se uma mercadoria com alto valor de mercado virou o sonho de contos de fadas contemporâneo”. (BAUMAN, 2007, pg 20).

“Jovens de ambos os sexos expõem suas qualidades com avidez e entusiasmo na esperança de atrair atenção para eles e, quem sabe, obter reconhecimento e aprovação para ficarem no jogo da sociabilidade líquida. na realidade estamos aliciando,

estimulando e promovendo uma mercadoria atraente e desejável. Vale tudo para aumentar o valor de mercado e os produtos que são promovidas à venda são elas mesmas. (BAUMAN, 2007, Pg. 20).

O consumismo não é mais acumular, mas aproveitar instantânea e imediata a coisa possuída. “A sociedade de consumo tem por premissa satisfazer os desejos humanos. Promessa que só permanecerá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado. Parece paradoxo, mas não é”. (BAUMAN, 2007, p. 105).

[Sincerícidio ensaiado]

Não estou certo de que consegui atingir o objetivo proposto. É preciso esclarecer que este texto não pretendeu esmiuçar, passo a passo, a tessitura dos contos quanto aos aspectos de teoria literária. Ele foi, sim, um passeio pela Modernidade Líquida, teoria do sociólogo polonês Zigmunt Bauman, e de que maneira ela me influenciou na produção do material literário, qual o peso das marcas da liquidez em cada conto neste ano e pouco de redação, dentro do mestrado *stricto sensu* em Escrita Criativa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Adorno, no seu modelo de ensaio, propõe que se vá mais para dentro da obra para ver refratado nela o todo social. Ele fala ainda de uma dupla característica, de que o ensaio poderia “tatear” indefinidamente. Segundo ele, tal afirmação é verdadeira e falsa: é verdadeira porque “de fato, o ensaio não chega a nenhuma conclusão” (ADORNO, 2003, p. 37); falsa porque o tatear do ensaio não é indefinido, pois o que “determina o ensaio é a unidade do objeto, junto com a unidade de teoria e experiência que o objeto acolhe” (ADORNO, 2003, p. 37).

No ensaio, continua Adorno (2003, p.27), “o pensamento é profundo por se aprofundar em seu objeto, e não pela profundidade com que é capaz de reduzi-lo a uma outra coisa”, com a ressalva de que não se trata de uma radiografia do elemento, pois o ensaio começa “com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer.

[Por que escrevo?]

Porque me afeta. Esse mundo líquido em constante movimento, talvez você não se dê conta, nos arrasta pela correnteza nessa viagem, felizes ou tristes. Cabe, como diz Foucault, a cada um criar o seu itinerário de vida: aceitar, jogado na poltrona da sala com o celular na mão, colaborando com a acumulação de incertezas e fragilidades; ou contestar com palavras, resistir contra o que o mundo nos força a seguir de modo obediente.

“Não há outra maneira de se alcançar a eternidade senão afundando no instante, nem outra forma de chegar à universalidade senão através da própria circunstância: o aqui e agora. A tarefa do escritor seria a entrever os valores eternos que estão envolvidos no drama social e político de seu tempo e lugar.” (SÁBATO, 2003, pgs 80 e 81).

Eu já levantei da poltrona e me desconectei. E você?

ANEXO - O PROCESSO DE CRIAÇÃO

[nov 2014]

O projeto de Dissertação ganha vida. Leituras definidas. Fichamento em curso. Primeiros esboços — PLOTS — de alguns contos. Nasce meu filho João Pedro. Entra a troca de fralda, o cuidado com o umbigo e o embalar para dormir.

[dez 2014 – 1 MÊS]

As leituras avançam sem pressa. Escrevo as primeiras linhas do ensaio. A pilha de livros já ultrapassa a das fraldas. Acordo de 2h em 2h horas. Cólicas e choro.

[jan 2015-2 MESES]

Travado na teoria, decido acelerar na prática. Engatei a leitura de *Pequenas Criaturas*, do Rubem Fonseca e *Meus Documentos*, do Alejandro Zambra. A partir daí, soube o que fazer — estruturalmente — com os meus textos. A primeira vacina. A primeira febre. Acordo de 4h em 4h. Fim das cólicas. Início das “aulas” de música. Tim Maia (aprovado), Nei Lisboa (aprovado), Paulinho da Viola (aprovado). Canções de ninar **(reprovadas)**.

[fev 2015 – 3 MESES]

Contos seriam, na sua maioria, mininarrativas. Em outros colocaria uma potência reflexiva através dos narradores em 1ª pessoa. João Pedro dorme mais horas durante a noite. Com música. Eu sigo acordado.

[mar 2015 – 4 MESES]

Retomo as anotações teóricas que embasam os contos: consumismo, relações frágeis, vida digital, fobias e vigilância. Segunda vacina. Segunda febre. Virei mestre. Na troca de fraldas e de roupa. Ele está bem esperto. Reclama quando as músicas *Verão em Calcutá*, do Nei Lisboa e *Timoneiro*, do Paulinho da Viola param de tocar.

[abr 2015 – 5 MESES]

O ensaio avança rápido. Alívio. Sobre os contos, ainda hesito. Não enxergo neles algo revelador do nosso mundo instável, frágil. Seguro a produção. Divido meu tempo em:

fralda, ninar, mamadeira. Pela manhã, agora, somos só nos dois. Cochilos na cama. Um de cada lado. João Pedro cresce em progressão geométrica: peso e altura. Felicidade.

[mai 2015 – 6 MESES]

Encontrei a força narradora. Sim, agora, os textos possuem a melancolia, a desesperança que buscava imprimir na maior parte dos contos. O guri trova à vontade. Ouvido cada vez mais apurado. Paladar começa a ser testado: entra a sopinha. Fralda, soneca, mamadeira e papinha. Terceira vacina. Terceira febre. Cada vez mais música.

[jun 2015 – 7 MESES]

Corro. O prazo para a qualificação se esvai. Ajeito os contos que já tenho e trabalho melhor o ensaio. Mesmo assim, é pouco. Peço mudança de data, aceitam. Para complicar, estou sem os livros por perto, a maior parte deles. Mudança. Encaixotados. Estante nova encomendada. Vai demorar. Sigo correndo. Agora atrás do João Pedro. Ensaia engatinhar. E eu ensaio o Ensaio.

[jul 2015 – 8 MESES]

Faço os ajustes, retoco o que fiz para a banca. Não tenho estoque. Preocupa. Quarta vacina. Primeira virose. Diarreia aguda, febre alta. Primeiro susto. O guri é um touro. Não se abate. Tem reserva de gordura. Não é líquido. Engatinha com mais firmeza. Dorme toda a noite.

[ago 2015 – 9 MESES]

Sobrevivi. Recebo dois puxões de orelha do orientador. Um em cada uma. Produzir mais. Teorizar depois. Recado anotado. Pós-virose, conjuntivite. Mais médico. Mais remédio. Engaveto os contos. João abre a gaveta. Primeiros passos. Primeiro churrasco.

[set 2015 – 10 MESES]

Textos fluem. Com os fichamentos, vou só batendo tema por tema o que fiz e o que falta fazer. Bem mastigado. Saem os primeiros dentes.

[out 2015 – 11 MESES]

Trabalho em duas frentes na dissertação. Aumentar a oferta de contos e incrementar o ensaio. Resolvo pintá-lo com tinta ficcional, adorno-o com Adorno. João Pedro já pinta o cinco, seis e sete. Domina a sala. Nascem mais dentes. Come de tudo. Já sabe o que é NÃO. Finge que não.

[nov 2015 – 1 ANO]

A dissertação já tem cabeça e corpo. Ainda faltam os membros. Quebro o pé, literalmente. Fico de molho. Corto alguns contos, não fechavam com a proposta. Menos é mais. João Pedro está “quebrando tudo”. Não para. Cada vez com mais energia. Ri, brinca. Cada dia mais feliz. Corre pela casa. Segue reclamando quando as músicas do Paulinho da Viola e do Nei Lisboa param de tocar.

[dez 2015 – 13 MESES]

Faço a barba depois de meses. Fim de jornada. Coloquei no papel o que me afeta, angustia. Sei que a teoria — Modernidade Líquida — foi aplicada na prática e virou Literatura. Agora, preciso enfrentar a banca. A do João Pedro está apenas começando para encarar o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *O Ensaio como forma*. In: Notas de Literatura I. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

ARISTÓTELES. *Poética*. In: Aristóteles. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

BAUMAN, Z. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadora*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

FONSECA, Rubem. *Pequenas Criaturas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

GARDNER, John. *A arte da ficção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. *A Cultura Mundo - resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LODGE, David. *A arte da ficção*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MANGUEL, Alberto. *À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas*. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.

PIGLIA, Ricardo. *Formas Breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SÁBATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VARGAS LLOSA, Mario. *A civilização do espetáculo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

ZAMBRA, Alejandro. *Meus documentos*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.